

MANUAL

para as

ESCOLAS MATERNAES

DA

ASSOCIAÇÃO FEMININA

BENEFICENTE E INSTRUCTIVA

por

Analia Franco e Tunice Galvão

1902

Primeiro trimestre

MANUAL

PARA AS

ESCOLAS MATERNAES

DA

Associação Feminina Beneficente e Instructiva

POR

Analia Franco e Eunice Caldas

1902

PRIMEIRO TRIMESTRE



S. PAULO.

Tipo-Lithographia Ribeiro

1902

PRÉFACIO

A FIM de facilitar o trabalho e poupar o tempo ás directoras das escolas maternas, emprendemos, dispor algumas advertencias e conselhos de modo que cada uma podesse apropriar-se para o seu meio, dispersos no começo e fim de cada lição pratica.

Estas advertencias traduzidas de excellentes tratados de educação, não devem deixar de ser lidas, encontrando as directoras, sempre um motivo de meditação, sobre o modo como devem dar cada lição, e sobre o meio de bem desempenhar a difficil tarefa educativa de que se acham encarregadas.

Como nas escolas maternas não se propõe a exercitar uma ordem de faculdades em detrimento de outras, mas de bem as desenvolver harmonicamente, não seguimos com rigor nenhum dos methodos que se fundam sobre um systema exclusivo e artificial. Pelo contrario colhemos dos melhores methodos, os exercicios mais simples e formamos com o auxilio destes diversos elementos um conjunto mais ou menos apropriado ás necessidades da criança, pondo em jogo todas as suas faculdades.

O proposito que temos em mira n'este trabalho é unicamente aliviar em parte o labor difficil das

directoras das escolas maternas, visto que dar-se lições a creancinhas não é tão facil como muitos supõem. Exige um preparo especial apoiado em conhecimentos longamente adquiridos, e um estudo immediato por meio de leituras profundamente meditadas.

S. Paulo, 27 de Fevereiro de 1902.

Analia Franco.

PROGRAMMA DAS ESCOLAS MATERNAES

Primeira Serie CREANÇAS ATÉ 5 ANNOS

1.º Trimestre

Primeiros principios de educação moral: — As lições de moral são dadas ás creanças, tendo-se em vista fazer-lhes tomar bons costumes, ganhar sua afeição e de manter a disciplina e harmonia entre ellas. Primeiras noções do bem e do mal.

Exercicios de linguagem: - Conversações sobre os seres e objectos que lhe são uteis e attrahem a sua attenção. Exercicios de pronunciação, procurando augmentar o vocabulario da creança, pequenos exercicios de memoria, contos, fabulas, narrações e questionario. — O cafe, a uva, o vinho, a cerveja.

Varetas formando no espaço as lettras V F J e A, dando-se para creança 3 varetas e uma linha curva. Primeiros exercicios sobre as vogaes.

Números: — Contagem de um a dez com cubinhos. Exercicios variados conforme o mappa para cada serie. Signaes + — = .

Cores primarias e secundarias. Desenho — Conhecimento do objecto varetas, exercicios com uma, duas e tres, feitos no espaço e dando uma idéa das posições das linhas, angulos, triangulos e quadrado. Desenho de traços feitos no quadro negro pela professora. Não se fará reproduzir pelas creanças senão desenhos muitos simples e muito faceis.

Trabalho Manual. — Exercícios preliminares graduados, entrelaçamento com varetas Dobramento de papel, tece-lagem, continhas, alguns enfeites de papel.

Cantos: — Pequenos Hymnos. Gymnastica. Movimen-tos da cabeça e dos dedos. Marcha com movimento das mãos.

Jogos e evoluções no pateo do recreio.

Segunda Serie

CREANÇAS ATÉ 7 ANOS

—*—

1.º Trimestre

Moral. — Conversações muito simples misturadas com as explicações dadas á 1.ª serie. Historietas moraes con-tadas e seguidas de questionarios proprios a tirar delles o sentido e verificar se as creanças as comprehenderam. Cuidado particular da directora á respeito das creanças nas quaes ella observa algum defeito ou vicio precoce. Exercício de linguagem combinado até a leitura e de escripta pre-parando a orthographia. Questões muito familiares, tendo por fim ensinar a creança a exprimir-se correctamente, e emendar os defeitos de pronuncia. Recitações de poesias curtas. Leituras muito breves feitas pela directora, escutada e repetida pelas creanças.

Exercício de escripta: — Primeiro de uma lettra, depois diphthongos e por fim palavras curtas.

Numeros: — Continuação da numeração de um até dez, com cubos e o mappa á vista. Faceis exercicios de addi-ção e subtração, signaes $-|$ e $\div$.

Desenho. — Varetas: linhas rectas em todos os sentidos, angulos, triangulos, quadrado, figuras diversas com quatro varetas. Applicações de uma a seis varetas em objectos communs e reproduzidas nas ardosias.

Geographia. — Localisação dos objectos da sala da aula e a orientação, pontos cardeaes e pontos collateraes. As ruas conhecidas da creança, a situação da escola.

Historia do Brazil. — O descobrimento do Brazil — os indios — Pedro Alvares Cabral.

Estas lições são dadas com um quadro á vista da creança, relativo ao facto que se quer narrar.

Lições de cousas. — O café, o vinho, a mandioca, a mão, a rosa, a folha, o cão, o boi.

Grammatica. — As lettras, as palavras, os nomes.

Geometria. — Linhas rectas em todas as suas direcções e linhas curvas.

Trabalho manual. — Tecelagem, exercicios graduados, combinações de lãns de côr sobre talagarça ou papel.

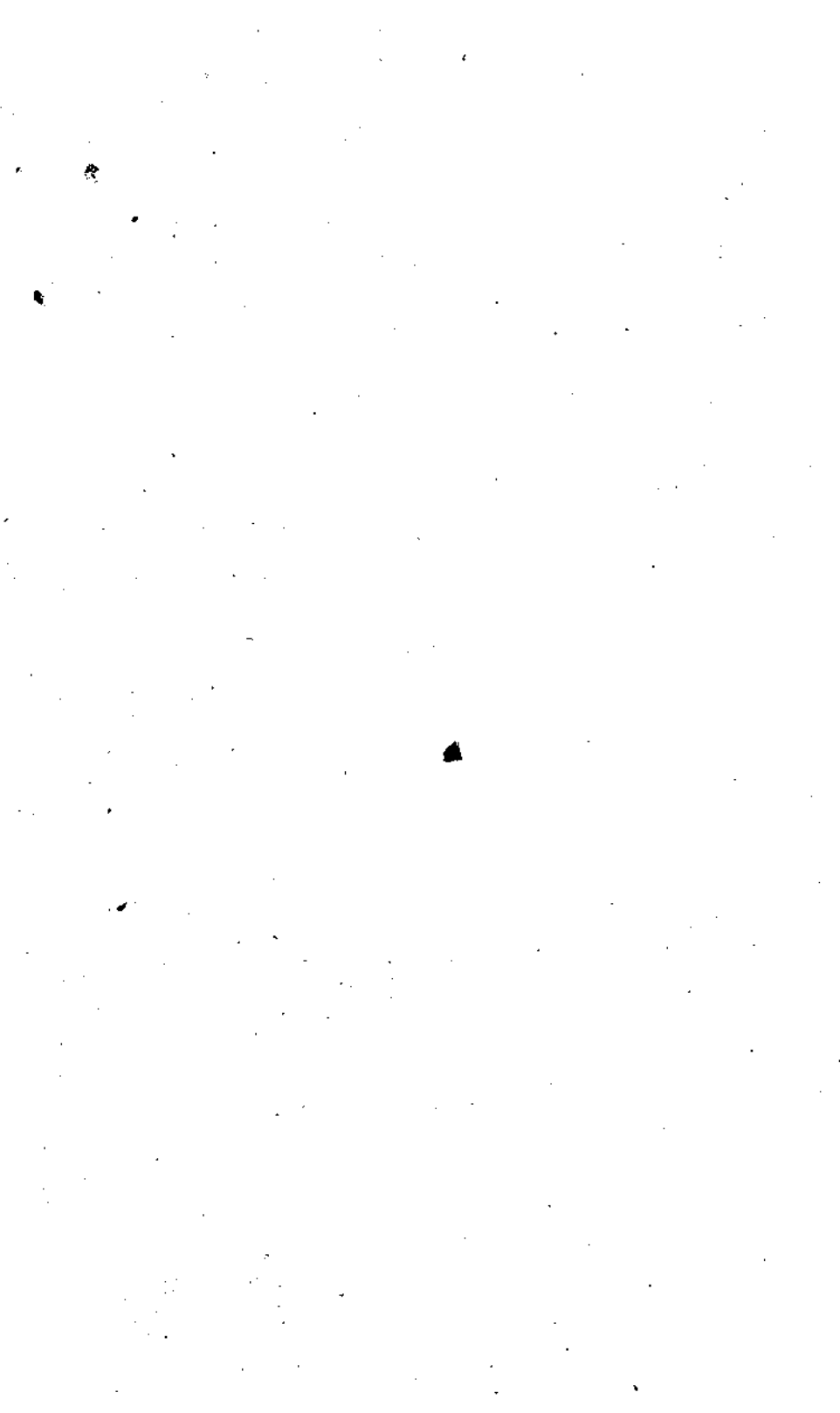
Côres. — Continuação das côres primarias e secundarias.

Cantos, Breves hymnos.

Gymnastica, Jogos. — Virar á direita e a esquerda. Levantar e sentar-se. Caminhar á direita e á esquerda. Posições gymnasticas: primeira, segunda, terceira e quarta. Movimentos simultaneos successivos e alternados dos braços, das pernas e do busto, applicados em marchas.

Marchas e evoluções faccis.





MANUAL

para as

Escolas Maternaes

Primeiras Advertencias

1

A escola é uma reunião de creanças com organismos intelligiveis e caracteres apenas desabrochados e susceptiveis a todas as modificações boas ou más.

Nenhum cinzel pôde mais profundamente tocar na materia que talha do que aquelle de que se serve os professores e tambem nenhuma matéria é mais nobre e digna, nem depende de tantos e tão multiplos desvelos como a natureza infantil sobre as suas tres manifestações: orga nismo, intelligencia e caracter.

2

Que terrivel responsabilidade pesa sobre vós, ó directoras da infancia! Ellá será mais tarde tão sómente o que vós della tiverdes feito.

3

A profissão da educadora exige, além d'uma vocação real e uma aptidão especial, um conjuncto deconhecimentos que os progressos de nossa época tem accumulado e vai augmentando cada vez mais.

Aos conhecimentos adquiridos é preciso serem esclarecidos e guiados pela escolha de methodos e processos os

mais proprios a tornar o ensino fructuoso. O que é ainda mais difficil é a educação, isto é, formar o character e o coração das creanças e dirigil-as no caminho do bem pela virtude.

4

E' a educação o ponto mais importante dos deveres da professora, o qual deve ser o objecto dos seus mais assíduos e constantes desvelos.

5

A educação e a instrucção se acham tão estreitamente unidos, que são como elementos inseparaveis d'um mesmo systema, embora a instrucção não seja senão um ramo de educação, mais um ramo subordinado.

6

A instrucção apenas dá á creança alguns conhecimentos e só a educação as torna aptas para fazer um bom uso dos conhecimentos adquiridos.

Parte Moral

IDEA DE DEUS

P.—Quando tendes fome, vos apressais a pedir pão a vossa mãe, não é assim?

R.—Sim.

P.—Esse pão que vos alimenta e que vossa mãe vos dá, quem foi que o fez?

R.—O padeiro.

P.—E do que, que o padeiro faz o pão?

R.—De farinha e agua.

P.—Mas quem fez a agua? Não sabeis.

Então digam-me quem fez o trigo? Não sabeis tão pouco. Bem, falemos de outra cousa.

P.—Quando chove, ficais abrigados em vossas casas, não é assim?

R.—Sim.

P.—E essas casas, quem as construiu?

R.—Os pedreiros.

P.—Mas com o que construiram-nas elles?

R. Com pedras.

P.—E as pedras quem as fez? Eis ainda o que não sabeis. Vamos tratar ainda de outra cousa.

P.—De manhã, quando vos levantaiis, não vos sentis contentes vendo que é dia?

R.—Sim.

P.—E quem fez o dia? Não sabeis.

(Pode augmentar e variar as perguntas).

P.—Talvez que a agua, as pedras, o trigo, etc., fizeram por si?

Que appareça o dia tambem por si; etc.? Não sabeis como?

Porém sabeis se o pão se faz por si, ou se as casas se constroem por si mesmas?

R.—Não, não, é preciso padeiro e é preciso pedreiros, etc.

P.—Mas então se nada neste mundo se faz por si, quem foi então que fez o trigo, a agua, as pedras, o dia, etc.?

Vou-lhe contar. — Aquelle que fez o trigo, a agua, as pedras, etc.; aquelle que fez o dia e o sol brilhante; aquelle que á tarde nos faz ver chegar a noite e brilhar as estrellas; aquelle que faz crescer as creanças, que nos dá a vida e nol-a tira; aquelle que, enfim, fez tudo, chama-se Deus! Foi Deus quem fez tudo: a terra, o céu, os astros, as plantas, os animaes e nós mesmos.

E tudo isto elle fez do nada. O padeiro precisa do trigo, o pedreiro das pedras, Deus não precisa de cousa alguma. Elle faz tudo por sua propria vontade, basta querer uma cousa para que ella exista tal como elle quiz, e isto chama-se *crear*. Os homens sómente fazem suas obras, Deus, porém, *as cria*, etc.

7

Os primeiros principios d'educação moral são dados não sob forma de lições seguidas, mas com o auxilio de dialogos familiares, de narrações, de contos destinados a inspirarem ás creanças o sentimento de seus deveres para com a familia, a patria e Deus.

Estes primeiros principios devem ser independentes de todo o ensino confissional.

8

Estes contos e dialogos são germens com que gradualmente vamos enriquecendo a intelligencia das creanças. Temos attensões a despertar, a sustentar e conduzir por entre interessantes realidades em lugar de lhes contar fabelas ás vezes ridiculas com que muitas vezes se entretêm as creanças. A escola mais tarde então irá dar um ença-

deiamento logico aos contos esparsos e lhes dar seguimento e a consistencia que formem um verdadeiro curso de ensino.

9

As narrações ou contos, deverão ser feitos quanto possível sobre imagens e serão consagradas a representarem scenas da vida infantil, e fazer nascer, por meio de anedoctas, de descripções alguns rasgos de biographia e episódios de viagens, a idéa do amor do Brazil.

CONTO 1.

No tempo em que eu era pequenina conheci uma menina que tinha uma madrinha muito bôa.

Ella dava muitos presentes a Rozinha sua afilhada, e quando ia passeiar com a menina no campo lhe dizia :

— Rozinha, eleva os vossos olhos ao céu e contempla tudo quanto vos cerca. O céu, a terra e tudo quanto existe são feitos por Deus e ficac certa de que elle vela sobre vós.

— Então, Deus é muito bom ? perguntava Rozinha.

— E', sim, minha afilhada, e elle vela sobre vós assim como sobre a plantinha a quem elle dá o calor do sol e a humidade das chuvas.

— Como eu quero bem a Deus, minha madrinha ! — volveu Rozinha.

— E assim deve ser, Rozinha, e quando sentirdes em vos a alegria de ter feito algum bem, sereis feliz, porque tendes sido bôa, imitando a Deus que é muito bom.

Amae-o sempre e fazei a sua santa vontade que consiste em fazerdes sómente o bem e nunca o mal.

— Pois agora, minha querida madrinha, eu vou fazer sempre o bem para que Deus esteja contente commigo, disse Rozinha.

— E eu, em troca da vossa bella promessa, vou ensinar-vos, minha querida afilhada, uma linda canção ; replicou a madrinha, a qual começou a cantar com Rozinha estes versos, que tambem vamos nós cantar :

E' nosso pae celeste
O Deus que adoramos,
E' a elle a quem primeiro
O nosso affecto damos.

O céu, o mar, a terra
E tudo quanto existe,
São obras do seu poder
Que só no bem consiste.

Ergamos um hymno de gloria
A esse Deus omnipotente,
Que lá do céu, nos volve
O seu olhar clemente!

CONTO 2.º

Meus meninos — Havia n'outros tempos um menino que era muito querido de todos e se chamava Enéas. O motivo porque elle era amado de quantos o conheciam, estava na bondade com que Enéas tratava as pessoas que encontrava, saudando-as cortezmente, quer fosse gente pobre ou rica. Além disso o menino queria muito bem e respeitava a seu pae, que sobre a terra era para elle como a imagem de Deus.

Diz-se que quando os gregos tomaram a cidade de Troia, onde morava Enéas, que então estava já grande, seu pae ficou preso dos gregos. Estes, porém, declararam que cada morador que se fosse embora poderia levar um objecto, ou quem lhe fosse mais caro. Enéas, apesar de ser ainda muito moço, tomou sobre os hombros Anchises seu pae que era já velho e ia sahindo com elle, quando os gregos admirados daquella bella acção de Enéas, que sabia tão bem honrar e querer bem a seu pae, consentiram que elle levasse tambem todas as suas riquezas, emfim tudo o mais que quizesse levar.

Eis um bello exemplo de amor filial.

Que o reconhecimento para com vossos paes esteja sempre em vossos corações.

Fazei, meus meninos, a vontade a vossos paes.

E, assim, como hoje elles trabalham para vós, quando crescerdes será um dever trabalhar para elles na sua velhice, consolando-os nas suas enfermidades. A piedade filial é um dos mais bellos deveres que tendes a cumprir.

Interrogação

Qual é o segundo dos nossos deveres?

De Enéas o bello exemplo
Vamos todos imitar
Sendo gratos a nosso pae
A quem devemos sempre amar.

CONTÓ 3.º

Havia uma menina que queria tanto bem á sua mãe, que todos os dias nas suas orações pedia a Deus pela saúde e felicidade de sua querida mãe. Vou dizer-lhes a oração que ella dizia a Deus, afim de que, meus meninos, a imitem tambem: «Meu Deus, dizia ella, vós que estaes no céu, na terra e em toda a parte, ouvi a minha curta oraçãozinha.

— Dai a vida, a saúde e toda a sorte de felicidade á minha querida mamãe que vela por mim, que canta tão suavemente para me fazer dormir e me conta ás vezes tão bellas historias! Eu sei que é má menina aquella que não ama sua mãe, por isso, meu Deus, fazei que eu seja sempre muito bôazinha e queira muito bem á minha mamãe.

Amemos nossa mãe querida
Que nos guia com sollicitude
Na senda amena e clara
Do bem e da virtude.

Não magõemos nunca,
O seu amante coração,
E por isso as lições estudemos
Sempre com muita attenção.

10

O methodo consiste sobre tudo na explicação de cada cousa e quanto possivel na vista mesmo do objecto. Está claro que nem sempre será possivel fazer-se ver o que se quer demonstrar, mas cada vez que em logar de descrever ou definir, só pôder mostrar o objecto, será muito mais vantajoso.

11

O ensino da leitura versará, não sobre as combinações difficeis das letras, nem sobre syllabas inintelligiveis para a creança, mas sobre palavras usuas e phrases simples.

Tanto quanto possivel, ás creanças se servirão de letras moveis para apprender a ler.

O ensino da escripta, com o da leitura, é reservado ás creanças da 2.^a serie.

I Lição de Leitura

O methodo synthetico-analytico, tendo menores escolhos que o simultaneo, damos-lhe preferencia

Em primeiro logar ensina-se ás creanças as vozes, isto é, as vogaes, mostrando a disposição da bocca, em cada emissão; a Professora as escreverá no quadro negro á giz:

a

e

i

o

u

Lição II

ai eu ei

ou ui

ia eia

Isto pode ser lição para tres ou mais dias.

Licção III

A terceira lição que é onde começa a entrar o estudo das vozes, exige mais cuidado.

A Directora desenhará no quadro negro ou mostrará num modelò, um ovo, uma ave e um cacho de uva.

— O que é que eu pinteï na pedra? ou o que é que estás vendo?

— Um ovo, uma ave, um cacho de uvas.

— Pois bem, estas palavras que vocês disseram, escrevem-se assim:

ave ovo uva

e collocal-as-á em baixo das respectivas estampas, sempre destacando as syllabas.

Licção IV

— Prestem attenção — Em quantas vezes se diz esta palavra? Olhem para a minha bocca:

A - ve

— Em duas! em duas!

— Qual é a primeira?

— **A.**

— E a segunda?

— **ve.**

E agora para dizer esta palavra quantas formas toma a minha bocca?

O - vo

— Tambem duas.

— Diga-o você em duas vezes, Lina. mas bem devagar.

— **O-vo.**

— Então estas duas ultimas letras junlas fazem vo?

— Fazem, sim.

— E agora estas:

va ve vi vo vu

E' claro que em pouco tempo as creanças saber-as-ão todas.

— Agora vocês todas já sabem lêr. Vejamos quem lê isto melhor :

eu vi a ave
a ave vôa
eu vi o ovo
vóvó é viuva

— *Leiam todos o que eu escrevi.*

Nota — A Directora formará varias sentenças que de primeira vista as creanças lerão.

Quando alguma creança esquecer de alguma syllaba, a Directora mandará lê-la e deverá deixal-a escripta.

Deve sempre repetir, no dia seguinte, a lição da vespera antes de começar outra.

Nunca a Directora deve esquecer-se de que o ensino da leitura é seguida do de escripta.

As creanças devem copiar o modelo das lições em manuscrito. Isto é, a Directora escreve no quadro negro a lição que foi dada no dia antecedente para todos copiarem nas suas lousas com giz ou lapis.

12

Todos os exercicios da escola maternal serão regulados por este principio geral : devem ajudar ao desenvolvimento das diversas faculdades da creança, sem as fatigar, sem as constrangêr em excesso d'applicação ; são destinados a lhes fazer amar a eschola, lhes dar cedço o gosto do trabalho, e não lhes impôr jamais um genero de trabalho incompativel com a fraqueza e mobilidade das creanças na sua primeira idade.

13

Os exercicios de linguagem que não devem ser separado dos outros ensinos, tem por fim habilitar os meninos a exprimir suas idéas d'uma maneira simples e correcta, de augmentar o seu vocabulario a medida do desenvolvimento da sua intelligencia e de suas necessidades.

14

Tratando-se do ensino para classes infantis, é claro que os alumnos não poderão escrever as suas lições.

Assim, pois, os nossos exercicios deverão ser todos feitos oralmente e com cauteloso exame dos mestres. Estabelecer-se-ha um dialogo entre o mestre e o alumno, havendo o maior empenho em que o discípulo raciocine e por seu esforço proprio responda a todas as perguntas.

As questões serão apresentadas pelo professor e deverão ser resolvidas conjunctamente para que possa haver o estímulo entre os alumnos, forçados a reflexionarem e interessados em responderem com a maxima promptidão.

O alumno adquirirá deste modo noções geraes e variadas, habituando-se ao mesmo tempo ao raciocinio, observação e modo de exprimir as suas idéas.

O nosso estudo será apresentado sob a forma de pequenos exercicios e em numero de oitenta.

I Lição de linguagem

O alumno completará as seguintes sentenças :

- 1—*Eu vejo nesta sala*
- 2—*Eu ponho em minha bolsa*
- 3—*O pão é feito pelo*
- 4—*Em uma sala de jantar vê-se*
- 5—*Os chapéos são feitos pelo*
- 6—*Em um quarto vê-se*
- 7—*A costureira faz*
- 8—*O carpinteiro faz*
- 9—*Na padaria encontra-se*
- 10—*Na venda compra-se*
- 11—*As minhas meias são*
- 12—*A capa do meu caderno*

II Conhecimento de côres.

O alumno dará exemplo de objectos :

- 1 *Amarelllos*, 2 *Branços*, 3 *Azues*, 4 *-Verdes*, 5 *Vermelhas*,
6 *Pretos*, 7 *Cinzentos*, 8 *Pardos*, 9 *Alaranjados*, 10 *Ros-
seos*, 11 *Cremes*, 12 *Escuros*.

III Complemento de sentenças.

O alumno terminará as enumerações seguintes :

- 1—*Os jogos proprios de um rapaz são :*
- 2—*O carnicheiro vende*
- 3—*De instrumentos de musica eu conheço o*
- 4—*Na padaria encontra-se*
- 5—*Eu gosto de brincar*
- 6—*Eu aprendo a ler*
- 7—*As plantas podem ser*
- 8—*Mamãe deu-me uma bolsa*
- 9—*O sapateiro vende botas*
- 10—*De fructas, eu conheço a laranja,*
- 11—*As flores mais bonitas são :*
- 12—*As fructas que mais gosto são :*

IV Natureza dos corpos.

O alumno indicará objectos :

- 1 *Fragéis*, 2 *Solidos*, 3 *Lisos*, 4 *Rugosos*, 5 *Seccos*, 6 *Esca-
mosos*, 7 *Brilhantes*, 8 *Pesados*, 9 *Leves*, 10 *Finos*, 11 *U-
teis*, 12 *Bellos*.

V Formação de sentenças

O alumno responderá por pequenas sentenças as questões seguintes :

- | | |
|----|---|
| 1 | Como se chama a operaria que engomma ? |
| 2 | » » » » » » lava ? |
| 3 | » » » » » » cosinha ? |
| 4 | » » » » » » costura ? |
| 5 | » » » » » » borda ? |
| 6 | » » » » » » faz chapéos ? |
| 7 | Como se chama o trabalhador que pinta ? |
| 8 | » » » » » » lavra ? |
| 9 | » » » » » » serra ? |
| 10 | » » » » » » semea ? |
| 11 | » » » » » » ceifa ? |
| 12 | » » » » » » cava ? |

VI Complemento de sentenças.

O alumno completará as enumerações seguintes :

- 1—Pode-se assentar sobre um banco.....
- 2—Os cavallos pucham.....
- 3—Os animaes que nos dão leite são :
- 4—Os melhores logares são :
- 5—De passaros eu conheço o canario,
- 6—Os animaes de quatro pés são :
- 7—De passaros os que mais gosto são :
- 8—Eu gosto de brincar com bola, com
- 9—Eu conheço as ruas :
- 10—As cidades principaes de S. Paulo são :
- 11—Os edificios que eu conheço são :
- 12—Eu sei a historia da velha, a do

VII. Temperatura, modo, natureza e gostos de certos corpos.

O alumno indicará alguma cousa :

- 1 Fria, 2 Quente, 3 Crúa, 4 Cosida, 5 Verde, 6 Transpa-
rente, 7 Ácida, 8 Azeda, 9 Saborosa, 10 Desagradavel,
11 Rija, 12 Pelbenta.

VIII Conversação.

O alumno tomará por thema o café.

*Determinar a época do anno em que se faz a colheita e falar
sobre a cultura, utilidade e uso desta planta.*

IX Complemento de sentenças.

O alumno completará as seguintes enumerações :

- 1 — Podemos illuminar uma sala com velas.....
- 2 — Faz-se excellentes saladas; de.....
- 3 — Mamãe me mandou a confeitaria comprar.....
- 4 — Os botões podem ser de madriperola,.....
- 5 — Nós comemos carne de porco, de.....
- 6 — O armario tem gavetas.....
- 7 — Os pentes podem ser de.....
- 8 — Os cabellos podem ser finos,.....
- 9 — Os vestidos podem ser de chita,.....
- 10 — Ha cintas de couro, de.....
- 11 — O talher pode ser de pao,.....
- 12 — O anel pode ser de ferro,.....

X Qualidade e uso de certos objectos.

O alumno dirá com o que se pôde :

- 1 *Bordar*, 2 *Ceifar*, 3 *Navegar*, 4 *Viajar*, 5 *Remar*, 6 *Tocar sino*, 7 *Trabalhar nas minas*, 8 *Cavar*, 9 *Cobrir o tecto das casas*, 10 *Limpar o soalho*, 11 *Costurar*, 12 *Cortar*.

XI Formação do Feminino.

Dadô o nome masculino, o alumno determinará o feminino correspondente.

- 1 *Jumento*, 2 *Cordeiro*, 3 *Pato*, 4 *Gallo*, 5 *Cavallo*, 6 *Lobo*, 7 *Leão*, 8 *Gato*, 9 *Macaco*, 10 *Ganso*, 11 *Boi*, 12 *Cão*.

XII Conhecimento de qualificativos.

O alumno indicará nomes que convenham ás seguintes qualidades:

- 1 *Velho*, 2 *Vivo*, 3 *Docil*, 4 *Joven*, 5 *Cabeçudo*, 6 *Applicado*, 7 *Cruel*, 8 *Bondoso*, 9 *Amavel*, 10 *Ameno*, 11 *Gentil*, 12 *Fraco*.

XIII Utilidade de certos objectos

O alumno dirá para que serve :

- 1 *Faca*, 2 *Balaio*, 3 *Pluma*, 4 *Lima*, 5 *Serra*, 6 *Lampada*, 7 *Aguilha*, 8 *Ferro*, 9 *Ouro*, 10 *Vidro*, 11 *Barro*, 12 *Prata*.

XIV Masculino e feminino dos nomes.

O alumno deverá citar :

- 1 *Nome de rapazes*, 2 *Nomes de moças*, 3 *Objectos escolares do genero masculino*, 4 *Objectos escolares de genero feminino*, 5 *Profissões de homens*, 6 *Profissões de mulheres*.

XV Descripção de objectos familiares.

O alumno falará sobre :

- 1 *O livro*, 2 *O tinteiro*, 3 *Chapéu*, 4 *Penna*, 5 *Nuvem*, 6 *Agua*.
7 *Vinho*, 8 *Cerveja*, 9 *Papel*, 10 *Paciencia*, 11 *Devoção*,
12 *Obediencia*.

XVI Modo de locomoção dos animaes.

O alumno dirá o que pode :

- 1 *Voar*, 2 *Pular*, 3 *Trotar*, 4 *Galopar*, 5 *Correr*, 6 *Zumbir*.
7 *Esvoaçar*, 8 *Saltar*, 9 *Andar*, 10 *Arrastar-se*, 11 *Nadar*,
12 *Marchar*.

XVII Complemento de sentenças.

O alumno collocará sobre os pontos a palavra conveniente :

- 1—*Uma casa pequena chama-se*
2—*A um alfinete pequeno denominamos*
3—*A uma lebre pequena chamamos*
4—*Chamamos a perdiz pequena de*
5—*A um leão pequeno chamamos*
6—*Uma gallinha pequena chama-se*
7—*Uma garrafa pequena chama-se*
8—*A uma fouce pequena chamamos*
9—*Uma taboa pequena chama-se*
10—*Um livro pequeno chama-se*
11—*A uma mesa pequena chamamos*
12—*Uma ave pequena chama-se*

XVIII Descrição de objectos, animaes e vegetaes.

O alumno dirá como podem ser:

- 1 *As arvores*, 2 *Os vestidos*, 3 *Os aventaes*, 4 *Os chapéos*,
5 *As aguas*, 6 *As ruas*, 7 *O fogo*, 8 *O céo*, 9 *Os bosques*,
10 *O ferro*, 11 *Os cavallos*, 12 *As aves*.

15

Afim de facilitar o trabalho, as professoras resumem, ou por outra, fazem um ligeiro esboço do que podem-se apropriar para o seu meio, e para o pequeno auditorio a que vão fallar.

Nunca devem preoccupar-se em entregar ás escholas preliminares alumnos muito adiantados em sua instrucção, mas sim bem preparados para receberem a instrucção.

Os jogos com os quaes as professoras provocam o desenvolvimento dos sentidos e, ao mesmo tempo, educam a faculdade da observação e a boa expressão das observações devem ser muito simples e apropriados a todas as creanças.

JOGOS

I Lição de Botânica.

A professora toma uma rosa branca com botões, chama a attenção da creança para as suas partes principaes.

Em seguida divide as creanças em tantas filas quantas são as partes que constituem a flôr.

Por exemplo, á primeira fila corresponde o pedunculo, á segunda o calice, á terceira a corolla, á quarta os estames e á quinta o pistillo.

Explica ás creanças como as dividio e que, quando apresentar qualquer parte da flôr que corresponda ao seu nome a creança ergua as mãos e respondem por exemplo: pedunculo tinha a rosa, o que não tinha era calice, etc.

Faz por fim ás creanças uma narraçãozinha.

«Fui hontem passear no Jardim Publico, e alli encontrei uma grande quantidade de flores, entre ellas bellos cravos e lindas rosas brancas, mas com grande admiração minha, vi uma que não tinha o pedunculo.

As creanças que correspondem ao pedunculo erguem as mãos e dizem: -- Pedunculo tinha ella, o que não tinha era corolla.

As segundas respondem: -- Corolla tinha ella, o que não tinha era calice, -- Calice tinha ella, o que não tinha eram os estames.

As quartas respondem: — Estames tinha ella, o que não tinha era pistillo, etc., etc.

Termina o jogo cantando as alumnas em volta dos bancos:

Eu tenho uma rosa branca,
Com dois botões cheirosos;
Tendo no centro da corolla
Os estames mimosos.

Sahe o pistillo engraçado
Dentre as brancas petalas,
E do cimo do pedunculo
O calice de verdes sepalas.

Com esta flor mimosa
A mamãi vamos brindar,
No alegre dia de seus annos
Que não tarda chegar!

O mesmo jogo faz quanto ás folhas, dando a cada creança, se for possível, a imagem colorida de uma folha collada em cartões.

E apos o jogo cantar:

Estas verdes folhinhas
Tem um limbo lustroso,
Duas nervuras lindinhas
E um peciolo mimoso.

Se está o ar em movimento,
Da haste são arrancadas
E pela força do vento,
As folhinhas, são levadas.

I Lição de Zoologia.

N'uma lição sobre as partes do corpo humano, toma a professora uma boneca e apresenta ás creanças as tres partes principaes do corpo e em seguida as mãos ensinando-lhe os nomes dos dedos. Ao concluir a lição cantam as creanças:

Tem duas brancas mãosinhas
A minha boneca formosa,
Em cada uma cinco dedos
Do mais lindo côr de rosa.

Os nomes dos lindos dedos
E' o primeiro pollegar,
O menor chama-se minimo
E e quarto annular,

Medio é o do meio
Index o segundo é,
Sendo ainda outros cinco
Os dedinhos de cada pé.

16

A escola maternal não é uma escola no sentido ordinario da palavra ; ella forma apenas a passagem da creança, da familia para a escola, e por isso tem de conservar a doçura affectuosa, a indulgencia da familia, iniciando ao mesmo tempo a creança no trabalho e regularidade da escola.

O successo da directora d'uma eschola maternal não se mede essencialmente pela somma dos conhecimentos transmittidos pelo nivel que attinge o ensino, pelo numero e duração das lições, mas sim pelo conjuncto das boas influencias as quaes as creanças estão submettidas, pelo prazer com que se faz a creança procurar a eschola, pelos habitos de ordem, de acao, de polidez, d'attenção, d'obediencia, d'actividade intellectual que a creança deverá contrahir por assim dizer brincando.

17

Os exercicios intellectuaes e os exercicios manuaes devem ser alternados. A duração nunca excederá de 20 minutos. Elles serão sempre separados por cantos, movimentos, marchas ou evoluções.

18

Os elementos do calculo comprehendem :

1.^o—A formação e a representação dos numeros de um á dez, de dez a cem, com auxilio d'objectos postos entre as mãos das creanças, cubos, botões, seixos, grãos, moedas e medidas usuaes.

2.^o—As quatro operações applicadas ás primeiras centenas sempre com o auxilio de objectos.

3.^o—A representação dos cem primeiros numeros pelas cifras.

Os meninos serão exercitados no calculo mental sobre todas as combinações de numeros que elles tiverem estudado.

I Lição de Arithmetica.

Temos sob a nossa mesa alguns cubos.

Sophia, toma para si um cubo, depois mais outro. Com quantos cubos fica?

—Com dois.

—Tomando mais um terá?

—Tres.

—E com mais um?

—Quatro.

—E si juntarmos mais um as quatro, teremos?

—Cinco. (Essa operação será feita até o numero nove).

Vês, portanto, minha menina, que poderás contar o que quizeres, desde que comeces sempre por um e ajantes mais um, formando dois, depois mais um para fazer tres, e mais um para ter quatro, etc. E' a razão porque chamamos **Unidade** a tudo o que se começa a contar por um. Exemplo: A esta porção de cubos que aqui vês; começaste a contar por um cubo, mais um cubo. etc. e por isso a unidade é um cubo. Em uma porção de laranjas a unidade seria?

—Uma laranja.

A reunião de muitas unidades forma uma quantidade; e para nomear as diversas quantidades temos os numeros.

Assim, em uma quantidade de laranjas, a unidade é uma laranja e as unidades reunidas uma a uma formarão a quantidade, determinada pelo numero de unidades que foram tomadas. Si forem oito laranjas ou oito unidades, a quantidade de laranjas será indicado pelo numero oito.

Uma laranja é a unidade, oito é o numero, e para que essa quantidade de laranjas se tornasse conhecida, foi necessario tomar a unidade oito vezes.

Vão agora escrever sobre suas lousas os diversos numeros que forem encontrados na união das unidades.

—Um cubo como escreverão? Dois cubos? Tres cubos? etc., etc. Nove cubos? Muito bem: resta agora responderem ás seguintes questões:

1—Que é um numero?

2—Que numero vem depois de cinco?

3—Como se chama a quantidade immediatamente inferior á sete?

4—Quaes os numeros inferiores a oito?

5—Quaes os numeros superiores á tres?

6—Qual o maior numero, tres ou quatro?

7—Qual é o menor numero, oito ou nove?

8—Dê-me um numero maior do que quatro?

9—Dê-me o numero tres augmentado de dois?

10—Qual a unidade nestas quantidades: seis lapis, quatro cadernos, tres cubos?

11—Contem os dedos designando qual a unidade. Um dedo, dois dedos, tres dedos, etc.

—Contem agora sem nomear quantidade alguma.

—Um, dois, tres, quatro, etc.

—Contem passando um numero.

—Um, tres, cinco, sete, etc.

—Façam o mesmo a começar de dois.

—Dois, quatro, seis, oito, etc.

NOTA—Este mesmo processo poderá ser empregado para o conhecimento successivo de outros numeros.

19

A lição de cousas não é tão facil a dar como muitos supõem. Ella exige uma attenta preparação da parte do professor.

Estas lições não se improvisam, se contaes com as inspirações de momento, bem pouco acertareis.

20

As directoras das escholae maternas nunca devem dar uma lição de cousas que não seja diante d'um quadro que lhe sirva para explicar. Porque ao prazer de ver accrescenta o do ouvir, a vista e os ouvidos vivamente interessados, concorrem para o resultado desejado. Estas imagens é preciso fazel-as fallar, tirar d'ellas os nomes, os factos, os caracteres e iniciar enfim ás creanças no desejo de caminharem mais adiante.

I Lição de cousas.

O Café

Meus meninos — Olhem este bello quadro. O que é que vêm?

—Um galho de arvore com fructas.

—Muito bem, este galho é do arbusto que produz o café e da-se o nome de cafeeiro ou cafezeiro; repitam este nome commigo. Cafezeiro vegetal que produz o café — Planta-se este arbusto em linha esquadro ou triangulo de 3 a 3 metros de distancia....

—Sabem que cêr tem as suas flores?

Branca..... Sim e os seus fructos são primeirq verdes escuros e depois vermelhos.

—Podem me dizer a que altura chega o cafezeiro? — 3 metros.....

—O que se faz quando os fructos estão maduros? — Apanha-se o café.... E depois?.... Secca-se em terreiros, revolvendo de quando em quando com rodos.

—Estando bem secco guarda-se nas tulhas e em seguida leva-se o café em diferentes machinas que são descascados, despulpados e ventilados.

—Tudo isto para tirar-lhe a casca que o cobre.

Feito isto ensacca-se para exportar. Na Arabia faz-se da polpa uma bebida que chamam **Café a la sultana**.

Suas folhas servem para banhos medicinaes e a sua madeira para muitos artefactos.

O café é muito útil e é a maior producção do Brazil.

Interrogações

—Vejamos se me escutaram bem. O que é que produz o cafezeiro?

Que côr tem as suas flores? E os seus fructos? O que se faz depois que o café está secco? Como se chamam as machinas para onde elle vai?

E porque? Qual é a sua utilidade? Qual é a maior producção do nosso Brazil?

21

O fim a attingir, nas escolas maternas, tendo em conta as diversidades de temperamentos, a precocidade de uns e a lentidão de outros, não é os fazer alcançar a tal gráo de saber em leitura, escripta ou calculo; é que ellas saibam bem o pouco que souberem, que amem os seus trabalhos, seus jogos, suas lições de todos os generos, e sobre tudo que não tomem aborrecimento a estes primeiros exercicios escolares que serão logo desagradaveis, se a paciencia, o divertimento, a affeição engenhosa da professora não encontrar meios de os variar, de os attrahir, ou d'elles tirar algum prazer para a creança

22

Manter a boa saúde, educar o ouvido, a vista, o tacto, que serão exercitados por um seguimento graduado de pe-

quenos jogos, destas pequenas experiencias proprias a fazer a educação dos sentidos, darão idéas infantis, mas breves e claras, dos primeiros elementos, do que será mais tarde a instrucção primaria.

Um começo, enfim, de habitos e de disposições sobre os quaes a escola possa se apoiar para dar mais tarde um ensino regular; bem como o gosto pela gymnastica, pelo desenho, pelas imagens, narrações, o interesse a escutar, a ver e observar, a imitar, a questionar e a responder com certa faculdade de attenção.

GRAMMATICA

I Lição

Apresentae um alphabeto e perguntai:

— O que estão vendo n'este quadro?

— Lettras.

— E para que servem as lettras?

Ninguém sabendo dizer, escrevei no quadro negro uma palavra simples e curta, como: papae. fazei as creanças lê-la e perguntae:

— Quando'lemos estas lettras assim collocadas, umas ao pé das outras, isto vos faz pensar em alguém?

— Sim.

— Em quem?

— Em nosso papae.

— Bem, as lettras collocadas de modo a vos fazer pensar em alguém ou em alguma cousa formam palavras.

As palavras servem para dar a conhecer tudo o que queremos. Quando dizeis eu tenho fome, dizeis palavras. Se dizeis eu vou-me deitar, são ainda palavras que repetis, como as tendes ouvido outras pessoas repetirem, porque fallamos com palavras e as palavras escriptas compõem-se, ou formam-se de lettras como as que acabo de escrever.

— Para que servem, então, as lettras do alphabeto? Sabeis agora?

—Para compor ou formar palavras.

—Para que nos servem as palavras?

—Para fallar.

—Carlota, diga-me uma palavra. Não achas palavra alguma?

—Não, senhora.

—E, entretanto, acabaes de me dizer duas.

Sim, me dissestes: *não, senhora*; eis duas palavras, pois que não podemos nos explicar senão por palavras.

(Fazei as creanças procurar palavras. Fazei decompor as phrases em palavras, as palavras em syllabas).

II Lição

Meninas, o que veem fazer aqui na escola? Seus paes as mandaram aqui não só para que eu as eduque, como tambem para que eu as comece a instruir, isto é, a ensinar a ler, a escrever e a contar. E' tão feio ser ignorante! E se é muito infeliz quando não se sabe nada, quando não se sabe ler o seu livro, escrever uma carta a seus paes, contar o seu dinheiro e calcular as suas despesas.

Quando é preciso aprender tudo isto?

Quando se é creança, porque quando se é grande custa muito aprender a ler! E onde se aprende a ler?

—Na escola... — Pois bem, para que nenhuma fique ignorante, vamos começar as nossas lições.

Todos já sabem ler nos seus pequenos livros de leitura. Agora lhes será agradável aprender mais alguma cousa.

—Quando eu fallo o que é que ouvem?

—O que a senhora diz.

—Mas o que é que eu digo?

—Palavras.

—E se eu dissesse, por exemplo, a, e, i, an em chamariam todas palavras?

—Não senhora.

—E entretanto ouvem alguma coisa?

—Mas não são palavras, é sómente sons, a, e, i, são todos sons diferentes.

—Poderão me dizer qual é a differença entre uma pa-

lavra e um son, a, e, estes sons pronunciam alguns objectos, ou lhes faz pensar em alguma coisa?

—Não.

—Pois bem, quando eu digo: meza, livro, mamãe, não se lembram o que estas palavras representam?

—E' por isso que se diz que as palavras são signaes das nossas idéas, porque quando eu pronuncio as palavras livro, mesa, dou idéa d'um livro, d'uma meza, é como se eu lhes fizesse o signal mostrando-lhe o livro e a meza,

—Meninas, ha pobre seres que se chamam surdos-mudos os quaes não podem fallar e nem ouvir, e no entretanto se comprehendem entre si e se fazem comprehender por gestos; gestos são palavras para elles, assim como as palavras são signaes para nos.

III Lição

NOMES

As professoras deverão ter todo o cuidado em repassar sempre a lição antecedente, ainda que seja rapidamente e depois dar então a lição immediata. Tomai um livro e fazei as creanças designal-o pelo seu nome.

—O que é isto?

—E' um livro.

—Esta palavra **livro** é então o nome d'este objecto?

—Sim, senhora.

—Este outro objecto terá tambem um nome?

—Sim, é uma **cadeira**.

—A palavra **cadeira** é então o nome daquelle objecto? Então todos os objectos ou cousas têm um nome?

—Sim

—Bem, todos os objectos têm o seu nome, assim como todas as pessoas têm tambem o seu nome. Carlos tem o nome de Carlos, Julio o nome de Julio, sua irmã tem o nome de Dina, e vós tendes cada uma o vosso nome, o qual serve por vos chamar ou indicar que é a vós que se chama.

23

O methodo adoptado na escola maternal consiste sobre tudo na explicação de cada cousa, e quanto possivel na vista, mesmo do objecto.

Está claro que nem sempre será possivel fazer-se ver o que se quer demonstrar, mas cada vez que em lugar de descrever-se ou definir-se puder mostrar-se o objecto, será muito mais vantajoso.

24

Experimentai explicar de uma maneira abstracta a differença que existe entre azul, amarello e verde, que nada conseguireis demonstrar, porém pegae nm objecto azul, amarello e verde e dizei: Estão aqui tres côres: mostrai-me qual é o amarello, o azul e sereis immediatamente comprehendidos.

25

Quando quizerdes dar uma lição de cousas, tomai um objecto e o explicai, voltai-o d'um lado para o outro e commentai-o.

E' o objecto que forma o texto da lição.

A explicação feita a vista do objecto, ou pela sua imagem unida a seu commentario oral, exerce uma dupla influencia.

26

Essa influencia que actua sobre a memoria na qual o nome fica melhor gravado; visto que, a explicação das idéas necessarias que elle desperta por uma impressão mais profunda e mais vasta, exerce influencia sobre o desenvolvimento geral da intelligencia, attingindo assim dois fins essenciaes.

27

Nunca tenhais a pretensão de ensinar muitas cousas a um tempo e é preciso notar-se que quanto mais tempo é

necessario dar ao commentario, mais é preciso que vos torneis sobrias na enumeração de nomes proprios.

28

O melhor ensino não consiste em saber muitas cousas, mas em bem saber um certo numero d'ellas. O que é mais importante é que as alumnas saibam os pontos essenciaes da lição dada.

AS CORES

I Lição

(O VERMELHO)

Mostrai primeiramente uma flôr, um pedaço de panno (ou fita) vermelho, que possa servir de modelo para esta *côr*; depois reunindo as creanças fazei separar por uma d'ellas, ou por mais de uma, algumas amostras differentes, todas as que forem vermelhas, e submettei as escolhas feitas á opinião das outras. Fazei, ainda, procurar e mostrar tudo o que houver de vermelho na sala, no vosso vestuario, ou mesmo no d'ellas. Exercitai-as, primeiro, sómente com os objectos que ellas têm a vista e mais tarde quando a *côr vermelha* estiver bem conhecida, que possa se lhe apresentar abstractamente, sem a verem, exercite as de memoria, sobre objectos fora da vista. Em seguida fazei procurar e mostrai tudo o que ellas possam ter visto de vermelho na natureza; no homem: os labios, as gengivas e a lingua são vermelhos; o mesmo se dá com os animaes.

—Os gallos e as gallinhas têm uma crista vermelha, etc.

—Os perús têm uma especie de papo tambem vermelho, e sobre a-cabeça, no pescoço, umas pelles vermelhas chamadas membranas; elles tem tambem acima do bico uma carne vermelha que chama-se verruga.

—Os patos tem uma parte vermelha em roda dos olhos.

—Alguns pombos tem os pés vermelhos,

—As araras e outros passaros tem algumas pennas vermelhas. Tambem ha peixes vermelhos etc.

—Entre as flôres, ha rosas vermelhas, cravos, geranios, dahlias, boninas etc., etc.

—Entre as fructas, ha morangos, cerejas, groselhas (tomates), pecegos, etc., etc.

II Lição

(O AZUL)

Fazei ver ou mostrai as creanças qualquer objecto que seja d'uma bonita cor azul e recomeçai os exercicios analogos, mas não exactamente semelhantes aos que já praticastes com o vermelho. A natureza vegetal offerece menos azul do que vermelho; assim procurareis o azul na industria e nas artes. O céu nós parece azul quando faz calor e bom tempo.

Os myosotis, as flôres de chicoria são da cor azul.

Ha uma pedra que se chama *turquesa*, que tambem é azul. Ha papel azul, fazendas etc.

III Lição

(O AMARELLO)

Uma outra occasião fazei-lhes conhecer a cor amarella, tão querida pelas creanças entre as flores, como os botões de ouro, os girasões etc.; os jasmis amarellos, dahlias e cravos.

Entre as fructas, temos os melões, as mangas e abacaxis etc.

Entre os passaros, os canarios.

Os raios do sol apparecem algumas vezes amarellos.

Emfim o ouro, o enxofre etc.

A Cerveja.

— *Dina, vae-me dizer como se chama a bebida que se fabrica com cevada e lupulo?*

— *E' a cerveja, que é a melhor das bebidas fermentadas depois do vinho.*

— *Leonor, cujo pae tem uma cervejaria, nos explicará o modo de se fabricar a cerveja.*

—Sim, senhora. Põe-se a cevada de molho em cubas até ficar no ponto de esmagar com os dedos.

—E depois para onde vae?

—Para os germinadores onde descança em montões durante 24 horas.

—Quando começa a germinação se favorece-a estendendo a cevada em camadas de 30 centímetros de espessura para conservar-se um calor regular e submete-se à cevada a acção do ar, não é assim, Leonor?

—Sim, senhora; depois põe-se para secçar e tiram-se os germens, e o grão que fica só, chama-se **malt**. Em seguida moe-se e, essa farinha grossa, vae em outra cuba com bastante agua.

—Muito bem, e depois de trasfegar esta mistura, põe-se a coser n'uma terceira cuba, e estando fermentada, deita-se 500 grammas de lupulo por hectolitro d'agua e deixa-se por espaço de um dia.

—E' verdade, e depois de concluida a ferverura, deixa-se arrefecer e accrescenta-se levadura para determinar a fermentação alcoolica.

—Esta fermentação, minhas meninas, continua nos torneis por espaço de 36 horas, e tendo cessado clarifica, e a cerveja está fabricada.

—E sabem me dizer em que paizes tem extracção a cerveja?

—E' nos paizes onde a vinha não pode medrar.

Conto sobre as côres.

Havia em outros tempos um pobre homem que tinha um unico filho por nome Tito.

Tito era um menino de oito annos muito bonito e muito amavel. Fazia sempre as suas orações a Deus de manhã e de noite. Era muito obediente aos seus paes e mestres, amava os seus collegas e era muito estimado de quantos o conheciam.

Tito queria muito ser pintor, mas infelizmente seu pae era tão pobre que não podia pagar um mestre de pintura. O menino que tambem não tinha dinheiro para comprar tinta e modelos, começou a empregar todos os meios ao seu alcance para obter o que precisava. Todas as flores que elle

podia colher serviam-lhe de modelo; assim como de experiencias, pintando no papel as sete cores do arco-iris: azul, amarello, violeta, verde, anil, alaranjado e vermelho. Assim ficou elle conhecendo todas as cores, e que com as cores primarias, que são azul, amarello e vermelho, elle podia obter as cores secundarias, alaranjado, verde e anil; logo que elle soube de onde podia tirar as cores de que necessitava, começou a pintar diversos quadrinhos, representando imagens de santos, animaes e flores, com os quaes presenteava aos collegas, que ficavam muito contentes e queriam que Tito lhes ensinasse a pintar assim como elle. Tito lhes satisfazia a vontade e lhes dizia que misturando as duas cores primarias obtinha uma cor secundaria: que o azul misturado com o amarello produzia o verde; o azul, misturado com o vermelho, produzia a côr violeta e o amarello com o vermelho a côr alaranjada.

Tantos quadrinhos e paesagens pintou Tito, que o rei d'essa terra o desejou conhecer, porque a fama das suas pinturas tinha chegado até o palacio. Quando Tito foi apresentado ao rei este ficou muito agradado da bella apparencia do menino que, além de ser gentil, era muito cortez e attencioso. Em seguida o monarcha mandou vir a sua corte os melhores mestres de pintura, que se encarregaram de ensinar Tito. O menino que deste esse dia ficou sobre a protecção do rei, em agradecimento lhe pintou os mais bellos quadros. O rei o recompensou generosamente, e Tito ficou muito rico com o seu trabalho, repartindo o que ganhava com seus paes já em idade muito avançada, e com os pobres que dizia serem seus irmãos. Assim viveu elle longo tempo feliz, deixando a sua fortuna para um instituto de pintura dedicado aos meninos pobres.

CELINA

(Conto para creanças)

Em uma extensa planicie que se prolonga á margem esquerda do caudaloso Tieté, ainda não ha muito tempo, existiam os vestigios de uma pequena propriedade rural. N'essa modesta vivenda, residiam duas pessoas muito virtuosas — mãe e filha. Viuva ainda moça e proprietaria de alguns terrenos proximos a sua morada, a senhora Ida,

como era muito activa, concedeu-os a um seu visinho de reconhecida probidade para cultivar-os e repartir com ella o producto das terras.

Desde muito cedo cuidou com todo desvelo d'uma mãe verdadeira e christã, na educação de sua unica filha por nome Celina. Esta aprendeu a ser religiosa e a amar a Deus, sem faltar com os deveres do seu estado. Além disso acostumou-se a ver com olhos compassivos as miserias dos pobres, e a sentir quanto é indigno da humanidade certas jovens que tem tudo não conhecerem limites no seu superfluo, em quanto seus semelhantes soffrem a miseria, porque lhes negam sem piedade o necessario. Não tendo herdado fortuna, além do pouco rendimento das suas terras, eram obrigadas a fazerem todos os trabalhos domesticos por suas proprias mãos, e fabricavam tambem a farinha de mandioca que era o principal alimento dos habitantes d'aquelles arredores.

E como do pouco que possuíam ainda sabiam repartir com os mais necessitados do que ellas, Deus lhes abençoava os haveres, augmentando-os sempre.

A pequena casa estava sempre muito limpa e bem arranjada, graças aos cuidados da viuva e de Celina que tinha attingido aos seus doze annos.

Essa agradável morada estava situada no centro de uma bella campina por onde corria um claro ribeiro que ia desaguar no Tieté.

Nas suas margens alfombradas pastavam as cabras e alguns carneiros que possuíam.

Em volta da casa via-se diversas avenidas de laranjeiras e jaboticabeiras plantadas pelos avós de Celina. Por entre essas arvores, os passarinhos tinham feito os seus ninhos, e todos os dias pela manhã pousavam na janellinha do quarto de Celina, afim de receberem a sua ração de arroz e alpiste que ella tinha o cuidado de lhes distribuir. Ora era um bando de mimosos canariòs amarellinhos, com as cabeças côr de fogo, que trinavam alegremente nas arvores junto á sua janella. Ora os gentis papa-arroz com a sua alva collerinha, sobresaindo por sobre a plumagem negra.

A estes reuniam-se por vezes os alegres pintasilgos, e até os gulosos tico-ticos, madrugadores infatigaveis, os pri-

meiros que recebiam a sua raçõzinha. Celina comprehendia muito bem a gratidão d'estas avesinhas, no alegre bater das azas com que ellas a saudavam a seu modo, assim que a avistavam. E vendo o reconhecimento dos passarinhos para com ella, agradecia do fundo de sua alma, os beneficios que de Deus recebia a cada instante, e tambem a sua mãe os cuidados e desvelos que lhe prodigalisava. Ouvia com submissão os seus conselhos e advertencias, estando prompta a sacrificar-se por ella se preciso fosse, visto que não só lhe devia a vida, como por se ter desvelado por ella desde que nascera.

Provava a sua gratidão a Deus, obdecendo fielmente aos seus divinos preceitos, e a sua mãe seguindo todos os seus conselhos e ordens com extrema docilidade. Como sua mãe a tinha educada na lei do trabalho, a auxiliava em todas as occupações da casa, convicta de que Deus gosta de vêr as meninas sempre empregadas em trabalhos uteis. Ella sabia muito bem que as mulheres mais distinctas da antiguidade, princezas e rainhas, entregavam-se aos trabalhos proprios do seu sexo; faziam vestuarios de lã e outros tecidos, e não desdenhavam nenhum dos trabalhos que outras teem considerado em nossos dias como uma deshonra. Assim pois, Celina logo que voltava da eschola que havia na Villa proxima á sua casa, empregava-se com sua mãe no fabrico da farinha de mandioca, que todos os sabbados mandavam vender no mercado.

Celina descascava a mandioca e a passava pela roda de cevar, empregando todo o cuidado para não cortar os seus dedos nos dentes da roda, depois a collocava n'um cesto chamado tapeti que sua mãe levava para a prensa, onde apertava até que escorria completamente o succo.

Ha certas mandiocas que são venenosas. Essas não servem para comer, apenas se fabrica com ellas a farinha e a tapioca, tendo todo o cuidado de deitar o succo immediatamente fóra, e de modo que nenhum animal domestico possa beber, porque o matará logo em seguida. Da massa que ficava no cesto, ella torrava no forno e fazia a farinha, bem como saborosos beijús, com os quaes Celina presenteava a professora e as collegas. No caldo de mandioca, depois de escorrido, ficava no fundo da vasilha a gomma ou amydo. Celina lavava por diversas vezes e fabri-

cava a tapioca seccando-a ao sol. Por vezes ella fazia tambem excellentes beijús de tapioca e côco; o dinheiro da venda dos beijús sua mãe lhe dava para a compra dos seus livros e dar algumas esmolas aos pobres. Era tambem com este dinheiro que ella comprava o alpiste para as suas aves favoritas e o arroz para o sustento dos pintinhos confiados ao seu cuidado. Como vestia-se sempre modestamente sem nenhuma affectação de luxo, tinha sempre o que dar aos pobres.

Sua mãe lhe ensinava muitas vezes que o luxo corrumpo os bons costumes, excita a cobiça, acostuma ás intrigas e ás baixezas, derrocando pouco a pouco os alicerces da probidade. Ella escolhia para a leitura que todas as noites Celina lhe fazia junto á lareira, livros de agradável leitura e sã doutrina, em que ella aprendia bons principios, santas maximas e se instruia em cousas uteis recreando ao mesmo tempo o seu espirito em bellos pensamentos e seu coração em affectuosos sentimentos. Num desses livros uteis dizia que quando se descobriu o nosso caro Brazil, já ahi se achou a mandioca, a qual muito aproveitava aos indigenas que a cultivavam para seu alimento, e que era com a mandioca e o milho que elles faziam a bebida chamada caoim, uzada nas suas festas. Se bem que os indios cultivassem a mandioca, não se sabe se é ou não originaria do Brazil, pois diziam ter-lhes sido trazida por um velho veneravel chamado Izomé ou Zome. Tudo isto que Celina lia no livro e muitas outras cousas uteis e proveitosas que sua mãe escutava attentamente enquanto caldava ou fiava de noite a lã que lhes forneciam os seus carneiros e com esses fios fiados bem fino, Celina tecia as roupas que as abrigava do frio. Assim viveram por muitos annos mãe e filha, estimadas e respeitadas n'aquelles arredores, fazendo o bem que podiam, de modo que jamais um pobre se chegava a essa casa que não fosse favorecido; e Deus continuava a abençoal-as e a premiar suas virtudes com muitas graças e prosperidades.

Alguns annos depois Celina desposou o filho d'um lavrador seu visinho, moço de bons costumes, temente a Deus e que a amava muito por ser ella tão meiga, quanto activa e amavel para com todos. A virtuosa mãe de Celina ainda viveu por alguns annos, vendo a felicidade de sua filha e

dos seus netos que foram educados como Celina. Esta excellente familia era citada por todos quantos a conheciam, como um modelo de generosidade e beneficencia. Os bellos exemplos das virtudes que a distinguiram contribuíram muito para que outras familias as imitassem tambem, provando assim que se o contagio do vicio é funesto, o da virtude ao contrario produz os mais preciosos bens.

As duas irmãs.

N'uma formosa campina que se prolonga a grande distancia, acompanhando sempre as virentes margens do Parahyba, existia outr'ora a modesta casinha d'uma respeitavel viuva que n'ella vivia com suas duas filhas, Leonina e Clelia. Ambas tinham a mesma idade por serem gêmeas sendo muito formosas e gentis.

As duas irmãs differiam, porém, nos genios e nos costumes.

Leonina, além de ter um character invejoso e irascivel, era muito desmazelada e preguiçosa. Não acontecia o mesmo a sua irmã Clelia, a qual era docil, activa e deligente.

Quando a mãe distribuia ás suas filhas a tarefa de algodão que deviam fiar quotidianamente, Leonina ao descarregar-o fazia-o com tão má vontade, que o arrancava raiosa aos punhados e atirava-os ao chão. Por mais que sua mãe a aconselhasse, continuava sempre com o mesmo procedimento.

—Minha filha, dizia a viuva, o trabalho é uma cousa santa, e ao mesmo tempo, altamente util. E' um peso, ma tambem uma felicidade, consola a existencia, fecunda-a e as gente sente que vive e é feliz na plenitude d'esta força vital. Eu não conheço quem viva mais aborrecida do que as pessoas ociosas. Além de que o precioso habito do trabalho produz sempre uma honesta abundancia, tornando-se uma verdadeira salvaguarda contra a miseria. Mas para isso é preciso tambem teres cuidado com os desperdícios, por uma sabia providencia deves economisar tanto quanto te seja possivel, com a condição todavia, de que os pobres não serão esquecidos. Olha, todo esse algodão que deitas fóra, pode ser cardeado e servir para encher almofadas ou

cubrir as queimaduras. Tudo, porém, era inutil, a desma-selada não se emendava nunca.

Clelia, pelo contrario, obedecia a todas as admoeções de sua mãe, trabalhava com gosto e economisava quanto podia, afim de ter sempre o que dar aos necessitados. Ella comprehendia muito bem que o algodão é um dos productos mais uteis que ha no mundo, visto ser com elle que se faz e tece quasi todo o panno que serve para o nosso vestuario. Com o maior cuidado ajuntava o algodão que sua irmã espalhava pelo chão e fiava-o bem fino para fazer com elle um vestido para si.

—Para que desperdiças assim o algodão, dizia ella a sua irmã. Bem sabes que não precisa de nenhum preparo antes de ser tecido, e é tão facil de se fazer com o algodão um vestido, emquanto que o linho e outros materiaes precisam de passar por muitos processos antes de se mandar ás fabricas.

—Ora bolas! replicou Leonina irritada. Estou aqui a trabalhar tantas horas e ainda não descarcei quasi nada, quanto mais a porção necessaria para um vestido!

—Eu sei que é difficil descarcoal-o a mão,olveu Clelia, e que ha machinas para isso, assim como para fiar e tecer em grande quantidade; nós, porém, que precisamos de pouco, basta-nos apenas a paciencia e a perseverança necessaria a nosso trabalho.

—Minhas filhas, disse a viuva, que entrou n'aquelle momento na sala onde as duas jovens costumavam trabalhar; já que se occupam com o algodão, vou-lhes falar sobre a sua utilidade.

Dos caroços se extrahе um excellent azeite, e os seus fios misturados com o linho e a seda produzem lindos tecidos, cujo preço se acha ao alcance de todos. Além disso o algodão é muito apreciado no commercio, e desde longo tempo existe na America, de modo que não se sabe se é indigena ou se foi trazido da Asia.

Alguns mezes depois d'esta conversação da viuva com suas filhas, Leonina foi pedida em casamento por um moço de muito boa familia e dotado de excellentes qualidades. O noivo, alguns dias antes do seu consorcio, offereceu á viuva e suas filhas um baile campestre.

Leonina não cabia em si de contento e valsava alegre-

mente com o noivo, quando avistou a irmã que também dançava com o seu vestido novo, muito singello, mas que lhe ficava admiravelmente bem. Despeitada e cheia de inveja, não pôde conter-se e se poz a cantar:

Quando na roca eu fiava
Em dias que já lá vão,
A Clelia ajuntava
Os meus flocos de algodão;

E dos restos qu'en deixava,
Esparzidos pelo chão
Ella tecia e fiava
Um vestido d'algodão.

Eil-a agora ufana a dançar
Bem esquecida talvez.
Que dos restos do meu tear
O seu vestido fez.

Perguntando-lhe o noivo porque motivo ella, assim cantava, sem hesitar Leonina confessou-lhe o que havia succedido e nem mesmo dissimulou a aversão que sentia pela irmã, cujas bellas qualidades estava bem longe de querer imitar, porque quasi sempre as almas baixas aborrecem a superioridade a que não podem chegar.

O moço nada disse, mas reflectindo seriamente comprehendeu que se tinha enganado na sua escolha, e depois fazendo um parallelo entre as duas irmãs, toda a vantagem foi em favor de Clelia.

Elle foi procurar a viuva e declarou-lhe que desistiria de sua pretensão sobre a mão de Leonina, se ella não se corrigisse dos seus defeitos.

Nada, porém, ha mais difficil do que uma pessoa emendar-se de máos habitos inveterados; por isso Leonina foi sempre infeliz; ao passo que Clelia veiu a desposar o noivo de sua irmã, tornanda-se o amparo da mãe, a quem prodigalisava os mais ternos cuidados, como uma compensação do muito que lhe devia. Ella foi muito feliz durante a sua vida, e empregava todos os seus desvelos em fazer a felicidade de quantos a cercavam.

29

Começai a lição pela sala da aula. Tomai o giz e desenhae no quadro negro o plano da sala. Indicai por quatro traços as quatro paredes, marcae o logar das portas e das janellas, os bancos e a meza do professor. Explicai cada linha a medida que as traçae; quando os traços estiverem acabados e bem comprehendidos, o que exige talvez muitas lições, interrogae d'este modo os alumnos. —O que é isto? O menino que comprehender, responde: é um banco. —Que banco? O primeiro, o segundo ou o terceiro. —O que é isto? —E' uma janella. —Qual janella? —Esta. Se por acaso o alumno interrogado disser é aquella, e mostrar uma outra janella, ficae certo de que mais d'um alumno se apressará em o corrigir, e elle reconhecerá logo o seu erro.

30

Sem um mappa não é possível o ensino de geographia. E' preciso primeiro que a creança seja capaz de ler regularmente alguma cousa n'uma carta de Geographia.

31

Após algumas lições d'este genero, os meninos saberão distinguir sobre um plano, a direita e a esquerda, a parte superior e a inferior, nada mais então se terá a fazer senão mostrar-lhe no mappa. *Norte, Sul, Leste, Oeste*, e afinal com a orientação e com as linhas traçadas de preto ou de cores, podeis representar diversas cousas, taes como as costas do mar, uma corrente d'agua.etc.

GEOGRAPHIA

I Lição

Começai a lição de geographia pela sala da aula. Ensinaei as creanças o lado da sala aonde o sol apparece pela manhã e chamae-o nascente; o logar onde elle desaparece a tarde

poente. Depois mostrai-lhes o norte e perguntai se ellas já viram o sol desse lado, a resposta será negativa; o mesmo fazeis quanto ao sul.

Finalmente tomai alguns objectos e formai com elles no meio da sala ou no pateo do recreio os quattros pontos cardaes, ensinando-lhes ao mesmo tempo os nomes.

Tambem podeis dizer do seguinte modo: tendo o rosto voltado para o norte, minhas meninas, prestai bem attenção ao que vou dizer-vós, o norte da sala que está a nossa frente, o sul está atraz de nós, o nascente do lado da mão direita e o poente é do lado da mão esquerda.

Dizeis as crianças que isto chama-se orientar-se e que esses lados norte, sul, nascente e poente chamam-se pontos cardaes. Fazei-lhes repetir as vossas palavras recomeçai este exercicio de mil maneiras variadas e divertidas de modo que ellas venham saber todos os nomes dados a os pontos cardaes.

II Lição

Minhas meninas vamos ainda hoje ouvir uma lição sobre orientação: já observam o gallo que se colloca na torre de algumas Igrejas? por baixo do gallo estão collocadas duas varetas de ferro em forma de cruz e na extremidade de cada vareta vê-se as letras (N. S. E. O.) A letra N, quer dizer norte, S quer dizer sul, E quer dizer este, O quer dizer oeste.

Quando a cabeça do gallo está voltada para o vento, vem do norte, se está voltada para o sul é que vem do sul e assim por diante Vê-se tambem por cima de algumas casas umas especies de flexas a girar com o vento e se chama cata-vento. Assim por estes meios vos orientais e conheceis os pontos da cidade que se acham ao norte, ao sul, a este ao oeste.

Eja que falamos sobre o vento, sabeis que é ar posto em movimento, e que é elle que faz girar as azas do moinho e caminhar os navios no mar enfunando as vellas. Se o vento é muito forte traz furacões e tempestades que arrancam arvores, abatem casas e erguem as ondas do mar; vindo por vezes submergir os navios e afogar toda a tripulação. Ah! minhas meninas não vos esqueçais de orar a Deus por aquelles que se acham no mar, em risco de morrerem afogados em algum naufragio, como os pobres marinheiros que conduzem os navios.

32

Os exercícios que a escola comprehende devem ser muito variados, de lições, causas de dialogos, contos, primeiro ensino de desenho, leitura, calculo, recitação, devidindo o tempo com os exercicios de corpo, ou jogo de toda a sorte e os movimentos de gymnastica.

33

E' um methodo essencialmente natural e familiar, sempre aberto a novos progressos, sempre susceptível de se completar e de se reformar.

34

Os primeiros elementos de desenho, comprehende: a reproducção sobre as ardosias e sobre papel d'objectos usuaes e modelos muito simples.

I Lição de Desenho.

Marque a professora no quadro negro que, como as ardosias deve ser tambem quadriculado, um pontinho com giz, no canto esquerdo superior, e mande que as crianças façam o mesmo nas ardosias. Se não souberem, ensine-lhe a professora os lados e cantos das ardosias, indicando os lados superior, inferior direito e esduerdo e cantos direito esquerdo superior inferior, até que acriança conheça de prompto. Em seguida devem marcar um pontinho e contar quatro quadradinhos abaixo do ponto e marcar outro. Uniremos então esses dois pontinhos e teremos uma linha recta que está na posição vertical. Será necessario vermos todas as ardosias da classe para verificar si as creanças traçaram tambem ao mesmo tempo aquellas linhas. Mandaremos as creanças mostuarem em suas ardosias, nos desenhos das paredes, nos objectos da sala etc., as linhas que estejam nas posições indicadas.

Faça a professora a seguinte pergunta a classe.

Quem sabe em que posição está a linha que traçamos?

Responderão cercamente. «Em pé». Sabem como devemos

dizer quando uma linha esta de pé?—«Recta e na posição vertical». Fazemos então a classe repetir a mesma lição. Marcaremos outro pontinho no quadro e mandaremos as creanças fazerem o mesmo; 2, 3, 4, ou quantos quadradinhos estiverem ao lado do pontinho e unindo-se esses dois pontinhos teremos outra linha recta horizontal.

Chamaremos a atenção das creanças para que falem sobre a posição d'aquella linha.

Continue-se sempre a mostrar objectos que estejam na posição da linha que acabamos de traçar, empregando-se sempre o mesmo processo com relação a linha inclinada.

Depois que palestrarmos bastante com as creanças sobre estes pontos, começaremos então a traçar figurinhas, começando pela combinação de 2, 3, 4, 5, 6, e até 12 linhas. Isto não só entretém muito as creanças como também é de muita utilidade nas construcções.

ARITMETICA

Lição II.

—Vejamos, Maria, estes cubos que aqui tenho sobre a mesa.

Eu tomo dois cubos e depois mais dois.

—Quantos cubos tomei eu?

—Quatro.

—Pois bem, Maria, isso que acabas de fazer, essa operação, pela qual juntas varios numeros em um só chama-se

—**Adição.**

—O resultado ou a reunião desses numeros chama-se **somma** ou total de dois e dois, ou de tres e um, ou de um e treis.

—Bem, comprehendido isso, vou eu escrever acolá sobre a lousa uma adição para que aches a **somma**. E para isso é necessario que tomeis conhecimento com dois signaes, os quaes tenho de empregar constantemente.

Quando eu escrever uma cruz + equivale a ter escripto a palavra mais, isto é, quero que juntes os dois numeros entre os quaes colloquei a +.

Assim — $2+2$ — quer dizer que deves reunir dois cubos a outros dois cubos afim de achar-se a somma delles.

Conhecido o signal mais $+$, travemos conhecimento com o segundo signal de que já fallei.

E' este = dois risquinhos horizontaes, com os quaes eu quero dizer a palavra *igual*.

Assim collocado este signal entre dois numeros, eu quero dizer que o primeiro é igual ao segundo.

Exemplo. — Eu sei que dois mais dois é igual a quatro, e eu represento assim: $2+2=4$.

Quando, porém, tivermos de effectuar a addição, collocaremos os numeros dados uns debaixo dos outros e separados por um traço horizontal.

Exemplo: Eu dei a addição: $2+2=$?

Para encontrar o resultado collocaremos do seguinte modo uma addição:

$$\begin{array}{r} 2 \\ 2 \\ \hline 4 \end{array}$$

N. B. — Vamos agora exercitar as nossas creanças sobre a reunião de numeros, porém unicamente de 1 a 9; e isso primeiramente por meio de cubos, depois de cabeça e finalmente sobre as pedras.

Exercício 1.º — Quantos fazem 2 cubos mais 3 cubos ?

$$3+4 ?$$

$$2+5 ?$$

$$2+2+2 ?$$

$$4+3+2 ?$$

$$1+1+2+3 ?$$

E assim por diante, tendo sempre em vista que o total não exceda a 9.

Exercício 2.º — O que é necessario ajuntar a

4 para termos 5?

4 » » 6?

4 » » 7?

4 » » 8?

4 » » 9?

Exercício 3.º — Dizei-me dois numeros cuja somma seja 5?

— Resposta: 4+1, 3+2, 1+4.

— De-me tres numeros cuja somma seja igual a 5.

— Resposta: 3+1+1, 2+2+1.

Qual é a somma de 2+3+4?

» » » 3+3+3?

» » » 6+2+1?

Se a somma de dois numeros é 6 e um delles é 4, qual o outro numero?

Si Maria tem sete annos, quando terá nove?

Seu primo tem 4 annos, e você 7, qual o que tem mais annos de vida?

Quantos annos tens mais do que seu primo?

— Maria, vai agora reunir sempre o numero 2 a todos os numeros a partir de 1.

Exemplo:

$$1+2=3$$

$$2+2=4$$

$$3+2=5$$

$$4+2=6$$

$$5+2=7$$

$$6+2=8$$

$$7+2=9$$

— Muito bem.

— Junte agora o numero 3

A somma de um numero qualquer da 1.^a linha horizontal com um numero qualquer da 1.^a linha vertical, acha-se no encontro da vertical com a horizontal que começam estes numeros.

Assim o número 9 que é a somma de 6 e 3, acha-se no encontro da linha vertical que começa por 6 e da linha horizontal que começa por 3, ou ainda a linha horizontal que começa por 6 e a vertical que começa por 3.

Pode-se ver assim de quantas maneiras pode-se formar cada numero.

III Lição

Subtração

— *Luiza! vejamos quantos cubos tenho eu sobre esta mesa.*

— *Nove cubos.*

— *E si eu tirar um cubo, quantos ficarão?*

— *Oito.*

— *E si eu tirar mais um?*

— *Sete.*

— *E outro ainda?*

— *Seis.*

— *Quantos cubos já tirei dos 9 primeiros?*

— *Tres cubos.*

— *Então, tirando 3 de 9 quando fica?*

— *Seis cubos.*

— *Muito bem. Fizeste uma subtração, isto é, uma operação pela qual subtraes ou melhor tiraes um numero do outro.*

A sobra chamaremos de resto, excesso ou differença.

— *Assim entre 3 e 9 a differença é?*

— *Seis.*

Exercícios. — Eu tenho 5 vintens, gasto 2, com quantos fico?

— *Si eu tenho 4 bolachas, dou-te 2, com quantas fico?*

—Tens 6 annos e teu irmão 3, qual a differença entre ambos?

—Eu tinha 4 tostões e agora só tenho 2; quantos gastei?

—Quantos cubos eu tirei de 9 para ficar com 1 somente?

—Qual a differença entre 3 cubos e 4 cubos?

—Qual a differença entre 4 e 5?

—O numero 4 é maior ou menor que 3?

—O numero 9 é maior ou menor que 5?

—Qual o numero maior que tres e maior que 4?

—Qual é a differença entre 3 e 4, 4 e 5?

—Ha a mesma differença entre 2 e 4 e 4 e 6; qual é essa differença?

—Si de 5 cubos eu tiro 2 cubos, depois 2, com quantos fico?

—Eu tenho 4 balas, como 2, depois 1, depois mais 1, quantas ficam?

—Eu tinha 9 tostões, gastei 4, mas ganhei 2, quantos tenho agora?

Vejamos agora como posso eu representar a subtracção sobre a lousa.

Do mesmo modo que representei a addição naturalmente, com a differença unica que em lugar do signal *mais*, devo empregar um outro que signifique *menos*. De facto o signal de subtracção é —, um traço horizontsal.

Exemplo: Em lugar de escrever $(4+2=)$ eu escreverei $(4-2=)$.

Para subtrahirmos, collocamos tambem um numero abaixo de outro, como na addição, com a differença que em lugar de juntarmos, tiramos do primeiro o segundo.

E o resultado que na addição chama-se *somma* ou *total*, na subtracção tem o nome de *resto* ou *differença*.

Na subtracção deve-se ter o cuidado de collocar o numero maior acima do menor.

Exemplo :

$$\begin{array}{rcl}
 \text{Si de} & & 7 \\
 \text{Eu tiro} & & 5 \\
 \hline
 \text{resto} & & 2
 \end{array}$$

Exercícios sobre a subtração :

$2-1=1$	$3-1=2$	$4-1=3$	$5-1=4$
$3-2=1$	$4-2=2$	$5-2=3$	$6-2=4$
$4-3=1$	$5-3=2$	$6-3=3$	$7-3=4$
$5-4=1$	$6-4=2$	$7-4=3$	$8-4=4$
$6-5=1$	$7-5=2$	$8-5=3$	$9-5=4$
$7-6=1$	$8-6=2$	$9-6=3$	
$8-7=1$	$9-7=2$		
$9-8=1$			

$6-1=5$	$7-1=6$	$8-1=7$	$9-1=8$
$7-2=5$	$8-2=6$	$9-2=7$	
$8-3=5$	$9-3=6$		
$9-4=5$			

GEOGRAPHIA

III Lição

Depois que as creanças conhecem bem os pontos cardeaes e os collacteraes, a professora deve fazer-lhes comprehender pelos processos mais simples como se constroe uma carta de geographia.

Com o giz na mão traçará no quadro negro as ruas que estão proximas da eschola, marcando com pontos as posições dos principaes edificios, sendo o da eschola para

o ponto de partida. Feito isto, derija as creanças as seguintes perguntas, que serão modificadas conforme o lugar com que estiver a escola.

- Onde se acha situada esta escola?
- No largo do Arouche.
- E onde está este largo?
- Na cidade de S. Paulo.
- E em que Estado do Brazil se acha esta cidade?
- No Estado de S. Paulo.
- Em que paiz se acha o Estado de S. Paulo?
- No Brazil.
- E em que parte do mundo se acha o Brazil?
- Na America do Sul.

Findas estas interrogações, continue a representar por pontos os districtos que ficam nos arredores da escola, em seguida as cidades mais proximas, começando sempre pelos mais conhecidos, até chegar aos limites do Estado. Indicar, por traços, a direcção dos caminhos de ferro, os rios por onde elles passam, e pouco a pouco fazer-lhes entrar nos pontos mais importantes, os accidentes physicos, montanhas, collinas, florestas, etc.

E por fim a todo o Brazil.

Estes exercicios graphics devem ser reproduzidos pelos alumnos, ou nas ardosias ou no papel.

A professora deve sempre reunir a estes exercicios algumas explicações praticas sobre a orientação, afim de dar a creança uma comprehensão exacta dos pontos que desenhou, como por exemplo:

—A frente da escola onde se acha? Ao norte ou ao sul?

—Os fundos da escola estão ao nascente ou poente?

—Tal rua está ao norte ou ao sul?

—Taes edificios da cidade acham-se ao nascente ou ao poente?

Indicai os meios de se orientarem pelo sol, estrella polar ou a bussola e nas cartas de geographia, fazendo-lhes notar que o norte se acha no alto da carta, o sul embaixo, o leste do lado da mão direita e o oeste do lado da mão esquerda.

OS SENTIDOS

I Lição

Vejam os quantos são os nossos sentidos:

—Romeu, vai-me dizer quaes são os seus nomes.

—Os nossos sentidos corporaes são cinco: a vista ou visão, o ouvido ou audição, o olfacto, o gosto e o tacto.

—Qualquer cousa que nos dê a perceber um gosto, um ruido, uma côr, etc., é um objecto que nos affecta um dos sentidos.

—Para que servem os seus olhos, Diva?

—Meus olhos servem para vêr.

—Uma fita vermelha, qual é o órgão que lhe affecta?

—O órgão da visão.

—Assim, pois, os olhos são os órgãos da visão.

—E para que servem os ouvidos, Romeu?

—Os ouvidos servem para ouvir e são os órgãos da audição.

—O barulho da tempestade; quaes são os órgãos que lhe affectam?

—O órgão da audição.

—Muito bem.

—Rosa, vae-me responder para que serve o nariz?

—O nariz serve para cheirar e é o órgão do olfacto.

—O perfume d'uma flôr, qual é o órgão que nos affecta?

—O órgão do olfacto.

—O sentido do tacto reside na pelle, sobre tudo nas extremidades dos dedos.

—Maria, vai agora dizer-me como se pode conhecer se um objecto é quente ou frio, rugoso ou liso.

—Pelo sentido do tacto, quando apalpo com as minhas mãos.

—Qual é o órgão que nos faz sentir o azedume do limão ou a doçura do assucar?

—O órgão do gosto, ou paladar, conhecido por céu da bocca, e tem por principal órgão a lingua.

— Julia, vae agora me dizer em versos os cinco sentidos.

Os nossos sentidos corporaes
São a vista ou visão ;
O olfacto, o gosto, o tacto,
E o ouvido, ou audição.

A Deus gratos sejamos
Pelos bens que fruimos,
Com os cinco sentidos,
Que todos nós possuímos.

Procurai sempre, por meio de habeis interrogações, fazer a creança descobrir o que quereis demonstrar.

Nas vossas demonstrações esforçai-vos quanto possivel para dar a figuração material do objecto que quereis explicar.

Fazei tambem com que o alumno invente por si os exemplos e os escreva no quadro negro.

SYSTEMA METRICO

I Lição

PESOS E MEDIDAS

Tendo feito as creanças conhecer o metro na lição de desenho linear, apresentai-o agora e perguntai :

— *O que é isto aqui ?*

— *E' um metro.*

— *Para que serve o metro ?*

— *Para medir.*

— *Para medir o que ? Eu vou medir este banco.*

— *Applicai ou usai o metro e mostrando quanto o banco passa do metro, dizei :*

— *Se um metro não fôr bastante comprido, como se deve fazer ?*

— *E' preciso medir um outro metro no fim ou em seguida*

á aquelle e depois um outro e ainda um outro, até o fim, e contando quantos metros tiveres medido.

—Se for necessario, ajudareis as creanças a vos explicar este processo que elles talvez perceberam por alto e muitas provas sendo feitas, perguntareis de novo:

—Para que serve, então o metro?

—Para medir distancias (comprimentos).

II Lição

O LITRO

Mostrai uma medida de litro e perguntai:

—O que é isto aqui?

—É um litro.

—Para que serve?

—Para medir o vinho.

Fazei responder a isto diversas creanças e dizendo-lhes que tambem se mede o leite, vinagre, azeite, agua, etc.

Ensinai-lhes que tudo o que molha quando se toca chama-se liquido; ellas comprehenderão melhor por esta definição.

Para melhor fazer-lhes conhecer o uso do litro, tome um balde d'agua e medindo litro por litro perguntai:

—Para que serve, então, o litro?

—Para medir os liquidos.

Mostrai um litro para os seccos perguntando:

—Esta lata conterá tanto como este litro?

Para provar derramai o conteúdo de um no outro.

—Esta lata tambem chama-se litro, mas não são os liquidos que se medem aqui.

—Sabeis o que é que se mede n'isto então?

Dizei-lhes que se medem o feijão, o arroz, a farinha, o milho, as batatas e toda especie de cousas seccas.

Mais tarde fallareis do decalitro, hectolitro, etc.

III Lição de cousas.

A esphera é redonda e o cubo tem cantos.

—Quantos cantos tem o cubo?

As creanças contam os cantos e respondem ;

—Tem oito.

—Se eu pozer o meu dedo em um destes cantos e o fizer escorregar até este outro em baixo (assim) o meu dedo passou por uma quina do cubo. Quantas destas quinas podemos contar no cubo?

—Vou passar o dedo em cada quina e vocês vão contando.

—«Uma, duas, tres doze.

—O nosso cubo tem, pois, oito cantos e doze quinas.

—Vou agora mostrar quatro cantos e quatro quinas. . . . olhem.

—Tudo isto aqui, com estes quatro cantos e quatro quinas é um lado do cubo.

—Contem agora quantos lados tem o cubo.

—«Um, dous, tres, quatro, cinco, seis».

Todos estes são eguaes ou algum é menor do' que outro?

—Todos são eguaes.

O nosso cubo tem, pois, seis lados, todos eguaes e cada lado tem 4 quinas, todas eguaes.

Cada um destes lados do cubo chama-se um quadrado.

Para explicar o cylindro faz-se uma conversação semelhante a esta, sendo de notar que o ensino, dado assim, deve basear-se principalmente na comparação que é, de facto, o unico methodo philosophico.

A esphera, o cubo e o cylindro são collocados em frente ás crianças, como acima. Ellas facilmente reconhecem e nomeiam os dous primeiros, mas ficam duvidosos quanto ao terceiro.

Deve-se deixar que a sua imaginação se esforce á procura de um nome para designal-o, dizendo-lhes por ultimo que é um cylindro, e ensinando-as a pronunciar a palavra bem distinctamente.

—Que vé você no cylindro e que se acha tambem no cubo?

—O cylindro tem dous lados.

—Os lados são quadrados como os do cubo?

—Não são.

Mas o cilindro pode ficar de pé num dos lados com o cubo. Vamos vér se elle póde tambem rolar como a esphera.

Sim! rola mas não como a esphera porque pode rolar sómente para dous lados, enquanto que a esphera rola para qualquer lado.

Assim, a esphera, o cubo e o cylindro são semelhantes em alguns pontos e differentes em outros.

Diga-me em que são todos perfeitamente eguaes.

São todos de madeira; são lisos; são da mesma côr; são pesados; fazem barulho quando caem no chão.

Estas respostas devem ser suggeridas por experiências com os objectos e por perguntas logicamente feitas, de modo a que estes resultados sejam alcançados como simples e naturaes conclusões.

O exercicio pode ainda ser continuado fazendo-se com que as creanças nomeiem objectos parecidos com a esphera com o cubo e com o cylindro

As quinas do cubo podem tambem ser explicadas como representando linhas directas.

O ponto em que duas ou tres linhas ou quinas se encontram chama-se um canto, um angulo, tendo cada lado do cubo quatro destes angulos.

Resumindo tudo o que ate aqui se pode ensinar:

O cubo tem seis lados, todos eguaes: oito cantos e 12 quinas; cada lado do cubo tem quatro quinas, todas eguaes, quatro cantos ou quatro angulos.

Suspendendo-se a esphera, o cubo e o cylindro, por um duplo cordel, pode-se fazel-os girar em torno de si mesmo, assim de mostrar que a esphera apparece, sempre com a mesma forma, qualquer que seja a maneira por que se olhe para ella: que o cubo, quando gyrando (suspensso pelo centro de um de seus lados) se apresenta com a fôrma do cylindro, e que o cylindro quando (suspensso pelo centro de seus lados redondos) se apresenta sob o aspecto da esphera.

(Da Revista Jardim da Infancia)

33

No geral pobres de ideias e pobres de espressões, se as creanças comprehendem o que lhes explicamos, não encontram todavia os termos precisos para exprimirem o que pensam.

Para sermos bem comprehendidos é preciso que desçamos até ellas; é este um dos grandes segredos da moderna pedagogia.

GEOMETRIA

I Lição

As meninas vão me provar que sabem perfeitamente distinguir uma linha, e portanto as linhas dos diversos objectos.

—Vejam, Sophia, nesta regua que acabamos de pegar as linhas que encontras.

Assim como vais indicando com teus dedinhos vamos ver quantas linhas tens encontrado.

—Uma duas, tres, . . . quatro.

Sim quatro linhas correspondentes aos quatro lados da regua. E nesse caderno?

—Tambem tem quatro linhas.

—Mostre-as. E na lousa?

—Maria.—nesse mappa?

Luisa —Na janella?— na porta?

—Muito bem, distinguem claramente as linhas e não tam que todas ellas são linhas direita, não é verdade?

—Vejam agora nesta cadeira.—Não vejo.— Oh! então aqui no encosto? Nestas guardas que tem?

—Linhas direitas.—Muito bem, mas aqui nesta parte superior não encontras linhas?—Sim.—E são direitas?

—Não,são todas retorcidas—Já conhecem portanto duas especies de linhas :—direitas e retorcidas.

Observem agora outros objectos e mostrem-mecnelles as linhas direitas, as retorcidas ou outras quaequer que por ventura encontrem.

Veem pois que somente encontram linhas direitas ou retorcidas, não é verdade? Então são só essas duas que existem; e agora que ja as conhecem bem,vamos dar-lhes uma denominação mais appropriada.

As linhas direitas chamaremos—Linhas *rectas*.

As linhas retorcidas chamaremos —Linhas *curvas*.

Para as traçar sobre o papel o que vamos fazer?

As minhas meninas podem collocar sobre seu papel um objecto qualquer que tenha linhas curvas ou rectas e acompanhar-lhe a direcção com o lapis, não é assim?

Mas , é necessario que o objecto seja pequeno e esteja ao alcance das meninas sempre que queiram traçar uma linha; para sanar essas difficuldades, arranjam-se objectos apropriados unicamente ao traçado das linhas.

—Quaes esses objectos?

Sophia — A regua para traçar as linhas rectas e o compasso para traçar as linhas curvas. Muito bem, vae responder-me então as seguintes perguntas porém com a maxima promptidão.

1—Em todos os objectos encontras?

2—Como podem ser as linhas?

3—Qual o meio de traçarmos uma linha recta?

4—Como podes traçar uma linha curva?

Lição II.

Com quanto as definições que acompanham as figuras desta lição sejam muito facéis e as mais simples possiveis, deveis fazer com que as creanças comprehendam melhor dando-lhes explicações facéis, e variadas, conforme o alcance de vossas alumnas.

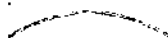
Primeira serie é linha em geral estendida na qual só se considera o comprimento. Mandai a criança collocar um ponto a esquerda e outro a direita, e sabe elle traçar uma linha direita ou horisontal.

Fig. 1



Linha recta é a mais curta distancia de um ponto a outro. Agora pelo mesmo processo, mandai traçar uma linha curva

Fig. 2



Toda a linha que não é direita e nem compõe-se de linhas direitas, é curva,

Direcção das linhas.

Dizei agora as creanças que colloquem um ponto em cima e outro em baixo

Rig. 3

e sobre esses pontos traçai uma linha vertical que é a linha dirigida no sentido d'um fio o qual segura-se um peso.

A figura que aqui damos não pode ser verdadeiramente vertical, visto que se acha deitada no papel.

Figura quatro, (linhas obliquas): Fazei as creanças traçarem linhas obliquas. Linha obliqua é a linha direita que não é nem vertical e nem horisontal.

Fig. 4

No ensino de historia supprimi os detalhes de pura erudição, e apresentai as vossas lições, pondo em relevo as datas memoraveis, o desenvolvimento de nacionalidades, os progressos das ideias sociaes e as conquistas do espirito, que são as verdadeiras conquistas da civilisação humana.

Por meio de descripções que enriqueçam a imaginação das creanças e lhes elevem ao mesmo tempo a alma apresentai-lhes as biographias dos grandes homens e os factos memoraveis de nossa historia.

HISTORIA DO BRAZIL

Lição I

Minhas meninas, vamos olhar este bonito quadro.

O que é que estão vendo?

Homens, uma cruz, arvores, palmeiras — Muito bem! é isto mesmo que ahí esta em nossa estampa.

Os homens estão uns erguendo uma cruz, vestidos a moda antiga e outros estão quasi nus, apenas, com algumas pennas na cabeça e cintura.

Todos estão no meio de uma matta proxima do mar.

Alguns estão armados com espadas com ceteza são guerreiros e reparem bem aquelles que estão nus tem um arco e flexa nas mãos. Esses são os indigenas, os unicos que habitavam no Brazil

Antigamente a nossa terra não era como hoje, não havia cidades nem estradas, os indios que aqui viviam andavam nus ou enfeitados com pennas de ave, como estão vendo na minha estampa.

Moravam nas mattas, não sabiam lêr, nem escrever.

Alguns faziam casinhas cobertas de palha ou moravam nas tocas de pedras.

Comiam caças, peixes e fructos do matto.

Eram muitas especies de indios, mas parcidos uns com os outros, estavam divididos em tribus governadas cada uma por um cacique, ou chefe que era o mais valente de todos

Essas tribus brigavam umas com as outras, e por isso andavão armadas, de arco e flexas, parecidas com os brinques com que as creanças brincam.

Nas brigas ou guerras os indios que eram vencidos ficavam prisioneiros dos outros.

—Sabem o que quer dizer vencedor?

—E ser mais forte.

—E ser vencido?

—E ser o mais fraco.

—E o que é fazer a guerra?

—E' marchar um exercito contra outro exercito.

Muito bem e com este exercicio dar batalhas, tomar cidades e matar o maior numero de inimigos que se puder.

Mas vamos fallar ainda sobre os indios que viviam no Brazil.

Nas guerras os que ficavam presos trabalhavam como escravos, ou eram mortos e comidos pelos mais maus no meio de grandes festas.

Por muito tempo a nossa terra, o Brázil era habitado só por indios, como estes que aqui vemos, ate que um dia vieram homens brancos da Europa e desembarcaram no lugar onde é hoje a cidade da Bahia.

São estes que aqui vemos a erguer esta grande cruz.

Eram diferentes dos indios porque tinham como nós a pelle branca e os indios ou caboclos eram côr de cobre.

Amanhã explicarei quem eram esses homens brancos e porque erguiam essa grande cruz.

Por enquanto vejamos se entenderam bem o que lhes disse.

1 Antigamente quem habitava o Brazil?

2 Como viviam?

3 Quaes eram as suas armas?

4 Por quem eram governados os indios?

5 O que faziam dos prisioneiros?

6 D'onde vieram os primeiros homens brancos que chegaram no Brazil?

7 O Brazil tinha casas, villas e cidades?

8 Que côr tinham os indios e como se vestiam?

II Lição

Minhas meninas, vejamos ainda uma vez o nosso bello quadro de hontem, e tambem este mappa que vou collocar sobre o quadro negro.

E'o mappa mundo representando a America ou novó continente, é o anligo continente que comprehende a Europa, Asia, e Africa

Mas por enquanto vamos fallar do continente Americano, onde se acha o Brazil, e tambem da Europa.

Na Geographia sabeis que ja nos occupamos dos pontos cardeaes, de rios, montanhas, terra, mar, paizes, etc.

O nosso paiz, este d'onde somos todos nos, é o Brazil, nossa patria, collocada aqui na America do Sul e é banhada pelo Oceano Atlantico.

Os homens que vieram da Europa eram portuguezes, naturacs d'um pequeno paiz da Europa, chamado Portugal.

Os Portuguezes d'esse tempo tinham ja navios sobre os quaes elles arravessavam o mar e iam negociar com as outras nações: as Indias por exemplo.

Viajavam pelo mar e por acaso, deram com esta terra que não conheciam.

O ponto do Brazil, que primeiro avistaram, foi o *monte* a que deram o nome de monte Paschoal, e a nossa terra Ilha de Vera Cruz, depois Santa Cruz e mais tarde Brazil.

Deo-se o nome de ilha por suppor Cabral que o Brazil fosse uma ilha e Brazil por causa da madeira-pau Brazil que ahi havia em grande quantidade.

O chefe dos Portuguezes que descobriu o Brazil chama-se Pedro Alvares Cabral.

Chegou aqui no dia 3 de Maio de 1500, e tomou posse da terra para o rei de Portugal.

Para isso ergueram em Porto Seguro essa grande cruz de madeira que estão vendo na estampa com as armas e divisas do rei D. Manuel de Portugal.

Faz isso portanto 400, annos.

Quando se falla do Brazil, devemos nos lembrar por quem foi elle descoberto.

Vejamos se todos me escutaram :

1 Onde fica o Brazil ?

- 2 Qual é o oceano que o banha ?
- 3 Como se chama o descobridor do Brazil ?
- 4 D'onde veio elle e quem reinava em Portugal ?
- 5 Qual foi o monte que Cabral 1º avistou ?
- 6 Porque se deo ao Brazil o nome de ilha de Vera Cruz ?
- 7 Porque se chama Brazil ?
- 8 Quanto tempo faz que foi descoberto, em que dia em que anno ?

II Lição de cousas

O VINHO

—Minhas meninas, o que é que estão vendo nesta estampa ?

—Um cacho de uvas.

A planta que dá a uva chama-se parreira e cultiva-se nos climas temperados, a côr da uva é ao principio verde como as folhas, depois segundo a qualidade conserva essa côr mais transparente, ou adquire a côr roxa.

—Quando a uva está madura o que se faz ?

—Faz-se a vindima, isto é a colheita.

—O fabricante do vinho poda a parreira na primavera, mas em cada ramo elle deixa os brotinhos donde saem novos ramos que produzem as uvas.

Quando as uvas são colhidas levam-nas a grandes tanques chamados lagares onde são pisadas e esprimidas, alguns dias depois da fermentação o vinho é passado para grandes vasilhas chamadas toneis.

—De que se faz o vinho tinto ?

—Das uvas pretas.

—E o vinho branco ?

—Com as uvas brancas.

—Não se faz tambem vinho branco com uvas pretas ?

—Sim mas deve-se ter o cuidado de não deixar fermentar o vinho com as cascas da uva.

—Onde é que se fabrica os excellentes vinhos Bordeaux e Champagne?

—Em França.

—E o vinho do Porto?

—Em Portugal,

36

Habituar a creança a raciocinar, a fazer que ella preste attenção ao que vê, e finalmente, conservai a sua intelligencia desperta por uma incessante curiosidade de saber, e por isso nada que mereça explicação, não deixeis obscuro.

ZOOLOGIA

II Lição

Mostrai as creanças um boi, uma vacca e perguntalhe :

—O que é isto?

—E' um boi, uma vacca.

—Muito bem; e estes animaes são muito uteis, não só vivos, como mortos.

—Sabem-me dizer como se chamam os olhos, o nariz e a bocca que elles têm?

—Chamam-se orgãos.

—E o que são orgãos?

—São instrumentos que Deus concedeu aos seres vivos paraprehenderem as differentes funcções da vida.

Assim pois os animaes tem orgãos?

—Sim.

—Então, um ser organizado é aquelle que tem orgãos.

—Por isso os animaes são creaturas organisadas.

—Se eu dêr uma espiga de milho ao boi elle terá prazer em comel-a?

—Sim.

—Os animaes podem, então sentir prazer?

—Sim.

—Se eu tivesse a crueldade de dar n'um animal, elle soffreria dôr?

—Sim.

—Pois bem : os animaes são creaturas organizadas, capazes de sentir o prazer e a dôr.

A vacca é um animal muito util porque nos dá o leite.

Do leite se faz o queijo, e da nata do leite a manteiga.

O boi em vida serve para puchar carroças, contendo grandes pesos e charruas. Depois de morto tudo nelle se aproveita : a carne é um bom alimento, os ossos servem para botões, cabos de facas; o sangue para refinar e clarificar o assucar; o couro é de grande utilidade para bahús, malas, e calçados.

O filho da vacca chama-se bezerro e vitella, ou novilha a femêa.

III Lição

—Helena, vai me dizer o que é um passarinho?

—E' um animal.

—O que é um animal?

—E' uma creatura organisada, capaz de sentir o prazer ou a dôr.

—Se Tito roubar um ninho de passarinhos com os filhotes, sua mãe soffrerá?

—Sim, porque os passarinhos tambem soffrem.

—Lucia, o que é uma mosca?

—E' um animal.

—O que é um animal?

—E' um ser organizado, capaz de sentir o prazer e o soffrimento.

— Quando se arrancam as azas dos mosquitos, elles soffrem?

— Sim, porque o animal pode soffrer.

— O que se deve pensar das meninas que fazem soffrer os animaes?

— Que ellas são más meninas.

Fazei a creança dar o nome de alguns animaes e explicai-lhes a utilidade de cada um.

Por exemplo:

O cão é um guarda fiel de casas e um excellente amigo do homem: acompanha-o a caça, ama-o ternamente, obedece os seus menores desejos.

O gato é util na destruição dos ratos

O burro é um grande auxiliar do homem na lavoura, no transporte de grandes volumes na industria.

As gallinaceas são todas boas para nosso alimento.

Todos estes animaes são chamados domesticos, porque podem estar em nossas casas sem nos offender nem atacar.

A reunião dos animaes que Deus creou, chama-se *Reino Animal*.

37

Nunca abuseis da tenra e maleavel memoria da criança senão como d'um ponto de apoio, e desenvolvei-a de modo que o ensino penetre sempre na sua intelligencia, conservando uma impressão profícua.

Divisão do Tempo

Licção I

P.—A que horas entraram na aula?

R.—As dez horas.

P.—São agora 11 horas; ha muita tempo que estão aqui?

R.—Ha uma hora.

P.—E quando for meio dia, quando tempo será, então?

R.—Duas horas.

P.—Ao meio dia que faremos?

R.—Iremos brincar no recreio.

P.—E a que horas voltaremos á aula?

R.—A uma hora.

P.—Quanto tempo ha então entre o recreio e a aula?

R.—Uma hora.

P.—E quanto tempo dura a aula da manhã?

R.—Duas horas.

P.—E á tarde?

R.—Temos huma hora de aula e outra de recreio.

Lição II

P.—Quantos minutos ha em uma hora?

R.—60 minutos.

P.—E quantas horas são precisas para fazer um dia?

R.—24 horas.

P.—Como se chama a reunião de 7 dias, de Segunda-feira ao Domingo?

R.—Uma Semana.

P.—Digam os nomes dos 7 dias da Semana?

R.—Segunda, Terça, Quarta, Quinta, Sexta, Sabado e Domingo.

P.—Como se chama o espaço de 30 dias?

R.—Um mez.

P.—Quantos mezes temos)

R.—Doze.

P.—Digam os nomes dos doze mezes?

R.—Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro.

P.—Como se chama o espaço de tempo d'estes 12 mezes de Janeiro a Dezembro?

R.—Um Anno.

P.—Quantas semanas ha em um anno?

R.—Cincoenta e duas.

P.—E quantos dias ha n'um anno?

R.—Tresentos e sessenta e cinco dias.

P.—E n'um lustre?

R.—Cinco annos.

P.—Um decennio quantos annos tem?

R.—Dez annos.

P.—Quantos annos são precisos para fazer um seculo?

R.—Cem annos.

FIM DO PRIMEIRO TRIMESTRE

